



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ALUNOS E ESCOLA: ADVERSÁRIOS OU ALIADOS?**

**Michelly da Costa Pacheco**

**JOÃO PESSOA  
2010**

**MICHELLY DA COSTA PACHECO**

**ALUNOS E ESCOLA: ADVERSÁRIOS OU ALIADOS?**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física

**Orientador: Prof. Mest. Fernando José de Paula Cunha**

**JOÃO PESSOA  
2010**

**MICHELLY DA COSTA PACHECO**

**ALUNOS E ESCOLA: ADVERSÁRIOS OU ALIADOS?**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física

Data de defesa: 18 de janeiro de 2010.

Resultado: 8,5

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Mst. Fernando José de Paula Cunha  
UFPB/CCS/DEF

Membro da banca: Prof. Dr. Pierre Normando Gomes da Silva  
UFPB/CCS/DEF

Membro da banca: Prof. Ms. Hélia da Siqueira Figueiredo Leite  
UFPB/CCS/DEF

**JOÃO PESSOA**  
**2010**

*Aos meus pais, meus irmãos, meus amigos, meu professor orientador e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.*

*Dedico.*

*“A violência destrói o que ela  
pretende defender: a dignidade da vida, a  
liberdade do ser humano”.*  
*João Paulo II.*

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ter me dado forças a vencer essa etapa da minha vida, como também inteligência e paciência na construção do meu primeiro trabalho monográfico,

Aos meus pais **Antonio Dias Pacheco Neto e Tereza Cristina da Costa Pacheco**, por serem os principais responsáveis pela minha educação, sendo verdadeiras fontes de apoio, dedicação e incentivo; aos meus irmãos **Marcelo e Marcio**, por toda a ajuda nas horas mais difíceis;

Ao meu Professor Orientador **Ms. Fernando José de Paula Cunha** por sua competência, disponibilidade, atenção, dedicação, mas principalmente paciência para comigo, durante todos os momentos que resultaram em diálogos, correções e reformulações. Por confiar sempre na minha capacidade, mesmo quando pensei em desistir,

A todos os professores da Universidade Federal da Paraíba do Departamento de Educação Física, que contribuíram para a minha formação acadêmica,

A todos os meus amigos de turma, por toda doação, compreensão e apoio dado durante todo período acadêmico, em especial a **Karla Danille, Pollyanna Lucena, Danielle Cely, Gigiliola Cibele, Eryka Santos**, pessoas que representaram, para mim, a união nos momentos importantes e difíceis da vida,

A **Frei Pedro Rogério Martins**, sacerdote amigo, irmão e pai, grande motivador do meu primeiro trabalho monográfico. Agradeço seu conhecimento e experiência transmitida a mim, como também pela amizade,

As minha colegas e amigas de trabalho e a todos que fazem a Aldeia S.O.S. de João Pessoa. Pessoa, que interajo os meus conhecimentos, dúvidas e questionamentos, pessoas essas que posso contar a qualquer hora. Elas me trazem cada vez mais experiência e amadurecimento, tanto profissional quanto pessoal e, sem dúvida, são educadoras no sentido mais profundo da palavra.

A todas as pessoas amigas, de perto como também os distante, que aqui não foram citadas, o meu agradecimento, pela compreensão da minha ausência e pela contribuição de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

Obrigada!

## RESUMO

A violência na escola não é um fenômeno novo, mas vem crescendo e tomando proporções que requerem uma atenção maior, pois muitas vezes é visto como a “ação” do problema, mas se olharmos como a “reação” de toda a situação que nos rodeia, poderemos assim tentar encontrar uma saída para essa situação preocupante. Então, com esta pesquisa, pretende-se identificar as questões em torno da violência dentro do meio educacional. Por isso, escolhemos uma determinada instituição de ensino da cidade de João Pessoa, no bairro de Mangabeira, para questionar: Como educadores, alunos e a família analisam o crescimento da problemática da violência dentro do meio educacional, em especial nas aulas de Educação Física? A abordagem da pesquisa teve um caráter é qualitativo, descritivo. Os sujeitos foram educadores, alunos de ambos os sexos e os pais dos mesmos, pertencentes ao projeto “Jornada Ampliada”, desenvolvido na Aldeias Infantis S. O. S. Para a participação foram utilizados como critérios de seleção, alunos de ambos os sexos que apresentaram dificuldades comportamentais durante as atividades pedagógicas. A seleção foi de maneira intencional com o envolvimento de 5 sujeitos, que são 2 educadores graduado em Pedagogia; 5 alunos entre 06 a 10 anos de um universo de cem crianças e seus respectivos pais. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semi-estrutura, elaborada pela pesquisadora para este estudo. Os procedimentos para a coleta de dados foram realizados em dois momentos distintos, o primeiro momento foi utilizado para visitar o local de realização do projeto e o segundo momento foi destinado para a coleta dos dados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma íntegra. Com a obtenção desses dados poderemos saber como a escola e a sociedade pode influenciar e assim tentar ajudar a essas crianças a serem cidadãos conscientes e participativos no meio em que foram inseridos, além disso, procurar evidenciar as necessidades da realização de outras pesquisas na área e com a temática social para que soluções sejam discutidas e encontradas, para que assim as crianças possam usufruir de uma sociedade digna.

**Palavras - chave:** Violência, escola e educação física.

## ABSTRACT

School violence is not a new phenomenon but has been growing and taking proportions that require greater attention, because it is often seen as the "action" of the problem, but if you look like a "reaction" of the whole situation around us, so we try to find a solution to this troubling situation. So, this research seeks to identify the issues surrounding violence in the educational environment. Therefore, we chose a particular educational institution in the city of Joao Pessoa, in the Mangabeira neighborhood, to ask: As educators, students and analyze the growth of family violence problem within the educational environment, especially in physical education classes? The research approach was a character is qualitative and descriptive. The subjects were teachers, students of both sexes and the parents of those belonging to the "Extended School Day", developed at Children's Villages S. O. S. For participation were used as selection criteria, students of both sexes who had behavioral difficulties during the educational activities. The selection was intentionally with the involvement of five subjects, two teachers who are graduated in Pedagogy, 5 students between 06-10 years of a population of one hundred children and their parents. The instrument used for data collection was the semi-structure, designed by the researcher for this study. The procedures for data collection were performed at two different times, the first time we used to visit the venue of the project and the second phase was designed to collect data. The interviews were taped and transcribed in an upright manner. Through these data we can find out how schools and society can influence and so try to help these children to be conscientious citizens and participating in the environment in which it was entered, in addition, seek to highlight the needs of other research in the area and social issues to be discussed and solutions found, so that children can enjoy a decent society.

**Words - key:** Violence, school and physical education

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	14
1. Violência e Escola	14
1.1 Caracterização da Violência	15
1.2 Tipos da Violência	21
1.2.1. Ameaças	21
1.2.2. Agressão Física	23
1.2.3. Violência Sexual	24
1.2.4. O uso de armas	25
1.3. Violência na escola	27
2. Educação Física e a violência	33
2.1 Educação Física Escolar na educação de crianças e jovens	36
2.2. Educação Física na prevenção da violência	38
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	42
<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RESULTADOS</b>	44
1. Conhecendo referências sobre violência junto aos educadores	44
2. Conhecendo referências sobre violência junto aos pais	48
3. Conhecendo referências sobre violência junto aos alunos.	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	57
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	60

## INTRODUÇÃO

A violência na escola não é um fenômeno novo, mas que vem crescendo, tomando proporções que requerem uma atenção maior, pois como se pode perceber esse fenômeno muitas vezes é visto como a “ação” do problema, mas se olharmos

como a “reação” de toda a situação que nos rodeia, poderemos assim tentar encontrar uma saída para essa situação preocupante.

Para melhor entender o problema, é preciso conhecer o significado da palavra e sua origem. O termo violência deriva do latim *violentia* (WIKIPÉDIA, 2009), que é qualquer comportamento ou conjunto que deriva de *vis*: vigor, aplicação de força. No Dicionário Aurélio (1993) encontra-se: qualidade de violento, ato violento, ato de violentar. Assim, a violência diferencia-se da palavra força, palavras que costumam estar próximas na língua e pensamento cotidiano.

Enquanto que força designa, em sua acepção filosófica, a energia ou “firmeza” de algo. A violência pode ser caracterizada pela ação corrupta, impaciente, empregada contra o direito natural de outrem, ação que se faz com o uso da força bruta, crueldade, tirania e coação, que não convence ou busca convencer o outro, simplesmente o agride.

Sempre o homem apresentou atitudes violentas. Desde os primórdios existem relatos de violência, de diferentes formas e tipos. No livro da Bíblia, são apresentados alguns episódios de crueldade, até mesmo Jesus Cristo foi vítima da violência; homens que lutavam até a morte nos coliseus, o nazismo, as excessivas guerras e vários outros acontecimentos históricos que relatam cenas agressivas no decorrer do tempo.

Vários autores tentam explicar esse fenômeno que foi crescendo, em que alguns afirmam que essa predisposição nasce e cresce de um ambiente violento. Durkeim (apud Azevedo, 2009) é da opinião que a densidade demográfica, o desenvolvimento econômico, social e cultural de uma sociedade fomentam as desigualdades e conseqüentemente os desvios à norma. Por outro lado, Arregi Goenaga (apud Azevedo, 2009) é da opinião que avançando no caminho da igualdade, da solidariedade, pode a sociedade observar um decréscimo da violência em geral.

A sociedade, em geral, tem sido um pouco indiferente com os seres que são socialmente frágeis e que muitas vezes adotam condutas um tanto violentas como forma de proteção ou até mesmo imitação dos atos que aprendem de um meio social em que vivem.

As crianças de hoje, vivem e crescem cercadas de sinais de violência. Hoje em dia, até as diversões das crianças estão repletas de sinais de violência. Não

precisa uma análise apurada desses elementos “lúdicos” para comprovar essa afirmação. Basta assistirmos aos desenhos animados (transmitidos) na TV; lermos gibis infantis; vermos figurinhas que elas colecionam, para concluirmos a veracidade da afirmação. Sem falar das crianças que ganham de presente armas de brinquedo. Muitas delas vivem em situação de risco: sofrem, dentro do ambiente familiar, agressões constantes que as levam a pensar que esse é o único meio de sobrevivência. “Violência gera violência”.

Entre os vários aspectos relacionados à violência dentro do âmbito escolar, podemos levar em consideração os fenômenos que geram esse comportamento por crianças nas escolas e como este problema está relacionado com o inadaptação do meio em que estão inseridos, pois sabemos que o meio influencia nas características comportamentais do indivíduo tanto para o que é de positivo quanto para o negativo.

É neste cenário, que as instituições de ensino precisam pensar, refletir e levar em consideração o saber conviver em uma perspectiva educacional. Dessa maneira defende-se a idéia de que a aprendizagem deve ir além do ensino em suas execuções analíticas, devendo caminhar na formação integral dos alunos no desenvolvimento humano, principalmente no que se refere às questões de convivência e tolerância entre o meio escolar, familiar e a sociedade.

Uma das disciplinas que pode contribuir dentro da escola, são nas aulas de Educação Física, como meio de interagir de forma lúdica e cooperativa para a socialização dos alunos, ampliando seus laços de amizade buscando obter a emancipação, convivência e participação como fundamentais para o desenvolvimento de crianças, como também uma relação capaz de superar as necessidades básicas de sobrevivência e podendo assim aumentar o processo da relação pessoal, por meio dos jogos, esporte, e outras atividades que a disciplina proporciona.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1998) é apontada uma proposta que vai ao encontro com essa temática em questão, onde diz, “... procurar democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos”.

Assim, concordamos com Paes e Balbino (2005) que:

“...é possível através desse processo preparar a criança que se maravilha no convívio com jogos e aprendizados de hoje, para que se torne o adulto integrado com o mundo e, principalmente, consigo mesmo, enriquecido em sua história de vida pelas experiências e desafios enfrentados em sua formação de infância e adolescência”. (PAES e BALBINO, 2005).

Levando em consideração o exposto acima, podemos perceber a importância da escola como um meio de solução para essa problemática em questão, na elaboração de práticas pedagógicas voltada para o desenvolvimento físico-afetivo-motor das crianças, transcendendo assim no processo de formação de cidadãos críticos e participativos, tendo com meio a disciplina Educação Física, apresentando como um dos principais veículos para o desenvolvimento das relações interpessoais, contribuindo para a aquisição de hábitos e valores sociais importantes para a formação do cidadão.

Então, com esta pesquisa, pretende-se identificar as questões em torno da violência dentro do meio educacional, pois como sabemos educadores, alunos e funcionários são agredidos, tanto fisicamente como verbalmente todos os dias por diversas partes deste universo. Por isso, escolhemos uma determinada instituição de ensino da cidade de João Pessoa, no bairro de Mangabeira, para questionar: Como educadores, alunos e a família analisam o crescimento da problemática da violência dentro do meio educacional, em especial nas aulas de Educação Física?

A partir desse questionamento, temos como objetivo compreender e explicar o crescimento da problemática da violência dentro do meio educacional em especial nas aulas de Educação Física, mas especificamente, identificando os motivos que levam a violência entre os alunos, educadores e a família, verificar como a escola e as famílias estão se comportando diante da problemática em questão e conhecer a visão dos pais sobre a problemática em questão.

Com esses dados poderemos saber como a escola e a sociedade podem influenciar e assim tentar ajudar a essas crianças a serem cidadãos conscientes e participativos no meio em que foram inseridos. Além disso, procurar evidenciar as necessidades da realização de outras pesquisas na área e com a temática social para que soluções sejam discutidas e encontradas, para que assim as crianças possam usufruir de uma sociedade digna.

## **REREFENCIAL TEÓRICO**

### **1. VIOLÊNCIA E ESCOLA**

O entender da violência na escola muda de acordo como o olhar que se volta para o meio abordado. No passado, voltava-se para a violência dos professores para com os seus alunos, a conhecida palmatória; na atualidade, esse quadro um

tanto mudou, pois nos deparamos com estes tipos de cena: discussões e brigas entre alunos e alunos, depredação do prédio da escola, vandalismo, alunos agredindo e desrespeitando seus professores ou até mesmo a direção da escola, como também professores com os seus alunos.

Uma das dificuldades encontrada é o fato de não existir nenhum consenso do significado do termo violência, sendo muitas vezes analisado e questionado de acordo com o prisma de quem enxerga a situação ou o problema, com quem ou quem gerou a situação, em qual estabelecimento, entre outros vários motivos que se pode avaliar. Por isso, procura-se redefinir o conceito de violência ponderando para a população atingida, contemplando também a realidade do meio ao qual estão inseridos.

Abramovay e Rua (2003) afirmam que é preciso entender, compreender e explicar o fenômeno das diversas violências nas escolas recorrendo aos aspectos relativos às características das vítimas e de seus agressores (questões de gênero, situações de família, influência do meio), como também as diferentes instituições e ambientes que os mesmos circulam (idade, nível de escolaridade, a prática educacional, comportamento dos professores).

Podemos observar que as questões relacionadas à violência escolar são delicadas e de extremo cuidado ao ser analisada, pois muitas vezes, voltasse o olhar somente aos fatores externos à escola, amenizando a responsabilidade do sistema educacional, tanto no que diz respeito à problemática quanto ao combate a causa.

A escola tem como papel principal a formação educacional de crianças e adolescentes, na construção de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres dentro da sociedade a qual são inseridos, autônomos dentro de uma esfera histórico-cultural. De acordo com o artigo 58 do capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (2004) afirma-se que: No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Deste modo pretende-se, dar condições favoráveis para que a criança e o adolescente em formação, passe adequadamente por um desenvolvimento humano de suas capacidades físicas, cognitivas, espirituais, morais, estéticas, sociais e políticas, evitando restringir a formação educacional tradicional, mas sim, de

possibilitá-los uma formação geral, sendo como principal desafio a construção de pontes que possam encurtar a distância, romper barreiras e aproximar as pessoas umas das outras.

Mas, como bem sabemos tudo isto fica na utopia educacional, a qual na prática a realidade não se expressa desta maneira, e sim de uma maneira alienadora, não se preocupando com a realidade em que os alunos estão inseridos, ficando atados a cumprirem o cronograma programático para cumprimentos de tarefas.

### **1.1. Caracterização da violência**

Conceituar violência não parece tarefa muito simples. Além de sua amplitude, complexidade e ambigüidade, duas questões tornam ainda mais difícil na sua conceituação. A primeira delas diz respeito ao fato de que o termo violência se apresenta como um signifiante cujos significados são histórica e culturalmente construídos. Tal como acontecem com outros termos (beleza, poder), dependendo do momento histórico ou contexto social, significados diferentes lhe são atribuídos.

A segunda questão está associada ao fato de que o mesmo termo pode ser referido a situações marcadamente diversificadas, cada uma respondendo a determinações legais, modos de produção, explicações e efeitos diferentes. É freqüente encontrar, tanto na literatura quanto nas páginas de notícias, referências que permitem focalizar, diferencialmente, o fenômeno. Violência doméstica, juvenil, bélica, contra a mulher, contra a criança, religiosa, simbólica, racial, física, criminal, etc. são outros tantos delimitadores que nos falam de âmbitos e situações diversas que, sob o termo genérico, escondem realidades que geram modos de manifestação e de entendimento da violência bem diferentes.

Mas, apesar dessas ambigüidades e complexidades, não se pode negar que existe um forte núcleo central atrelado, de uma ou outra forma, à noção de agressão física ou moral que pode causar danos ou sofrimento a pessoas ou a grupos. A partir do reconhecimento desse núcleo central, o conceito de violência, pode adquirir uma amplitude que chega a ser difícil distinguir concretamente o referencial do conceito.

Na literatura brasileira sobre o tema violência, é comum se associar o termo violência ao já proposto por Costa (apud Waiselfisz, 2003): (...) *o emprego desejado*

*de agressividade com fins destrutivos (...) Na violência, a ação é traduzida como violência pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição.* Outros estudos adotam conceito de Michaud (apud Waiselfisz, 2003) o qual afirma que (...) há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Diferentes olhares sobre as violências e suas variadas manifestações já receberam, em pesquisas realizadas pela UNESCO em 2003, definições aproximadas às anteriores. A violência pode ser considerada como parte da própria condição humana, manifestando-se de acordo com arranjos societários de onde emerge. Mesmo considerando dificuldades em nomear o que seria violência, Michaud (apud Waiselfisz, 2003) (...) alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: noção de coerção ou força; dano que se produz em indivíduo ou grupo social pertencente a determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Em pesquisa mais recente, o conceito abrange diversas formas de manifestação: (...) primeiramente a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo (s) e também contra a si mesmo – abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreendem-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional.

Considerando a literatura internacional sobre o tema da violência nas escolas, fica evidente que há uma variabilidade de sentidos adotados para conceituar esse campo específico. Debarbieux (citado por Waiselfisz, 2003) chama a atenção para a existência de análises que enfocam violência por parte de professores contra alunos, exercida através de castigos e punições. Estudos sobre violência escolar, segundo este autor, devem considerar três componentes: 1) os crimes e delitos; 2) as incivildades e 3) o sentimento de insegurança – este último resultante dos dois primeiros componentes. Charlot (apud Waiselfisz, 2003) também procura classificar as violências na escola, considerando não só agressões físicas a indivíduos, ou sob a forma de vandalismos, como também as chamadas incivildades em forma de ofensas e humilhações, palavras grosseiras, etc. Destaca ainda este autor o que

chama de violência simbólica ou institucional, que pode ser observada através de um ensino desestimulante para o aluno, com matérias e conteúdos desinteressantes. Do lado dos professores, o desencanto com o desinteresse dos alunos e insatisfação profissional. O conceito de violência escolar pode incluir violência contra bens individuais e propriedades coletiva, as violências verbais ou morais e as violências físicas.

Poucos temas têm merecido tanta atenção hoje, como o da violência. Um dos significados da contemporaneidade é a insegurança, a impotência, o medo de que os mais diversos tipos de violência nos atinjam, quer como membro de uma coletividade, quer no plano da vida privada, desestabilizando individualidades.

Além da multiplicidade de formas assumidas pela violência, existem diferenças entre períodos históricos e culturas no que tange à compreensão sobre o tema. O que significa dizer que a violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Enquanto categoria nomeia práticas que se inscrevem entre as diferentes formas de sociabilidade em um dado contexto sócio-cultural e, por isso, esta sujeita a deslocamentos de sentidos.

Ao mesmo tempo em que a violência, hoje, se torna espetacular, notícia, diversos atos se entranham pelo cotidiano, tomando a forma ora de conflito, se naturalizam em comportamentos e práticas sociais que muitas vezes passam despercebidos. Apesar de a violência chocar, muitas vezes, aqueles que a experimentam são cúmplices da sua banalização pelo fato de que ao sofrerem tanto e tantas vezes, passam a conviver com o horror, sem questionar a trama e sem hierarquizar o vivido e o testemunhado.

Essas relativizações são particularmente importantes quando se discute sobre a temática, pois, muitas vezes, esta não surge em nossas vidas como uma agressão real, e sim como uma espécie de fantasma que nos ameaça todo tempo e em qualquer lugar. Em outras palavras, nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança. Ou seja, não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e neste momento é quando nos violentamos, alterando gostos, hábitos e prazeres, práticas culturais, ou seja, nos disciplinando por medos. A violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções, e não se dá somente em atos e práticas materiais.

É quando há que recusar a perspectiva de enquadrar violência somente como atos que realizados e punidos são esquecidos, mas está alerta a processos, construções, o que requer estar atento a trânsitos entre conflitos e violências no cotidiano.

Tal perspectiva remete a Habermas (citado por Abramovay, 2006) quando se refere à novas formas de conflitos relacionados à reprodução cultural, à integração social e à socialização. Os novos conflitos são materializados em formas de vida, ou seja, falar em violência remete a referir-se a contextos, processos, relações e tipos de sociedade.

O entrelaçamento de atos e processos diversos, no plano de novas formas de conflito, destaca cenários, tempos históricos, cotidianidades, mas também leva a insistir em um dos temas mais visitados pela literatura, e de maior dificuldade de definição, o conceito de violência.

Castro (2002) afirma que o tênue consenso que existe em torno do tema é ditado mais pelo senso comum em relação ao fenômeno, do que por uma definição conceitual acatada por correntes teóricas diversas:

Em cada época e em cada sociedade as representações e os sentimentos em relação à violência variam. É quando saberes, construídos em vivências, hábitos e convivências diversas, divergem sobre marcos conceituais em relação ao tema. Violência é um conceito que transita entre o metafórico, o simbólico, bem como entre definições legais que pedem exames de corpo de delito e provas materiais para configurar o que se entende por violência passível de punição.

Considerando que a violência é constituinte da própria condição do ser humano, tomando formas específicas de acordo com os arranjos sociais em que ela emerge. A violência estaria, portanto, no plano da natureza humana e seria uma linguagem de conquista e sobrevivência dos indivíduos face à natureza e a outros seres humanos (ARBLASTER, 1996, apud Castro 2002).

Contudo, a perspectiva mais difundida na literatura sobre violência é a recusa de determinismos essencialistas, sendo comum advogar-se que a estrutura e o modo de organização da sociedade estimulam a sua propagação.

Chesnais (citado por Abramovay, 2006) defende que o único referente empírico do conceito é a violência física, atos e episódios que podem resultar em danos irreparáveis aos indivíduos e, conseqüentemente, exigem a intervenção da sociedade mediante o Estado. Para o autor, esta é a única concepção

etimologicamente correta, além de encontrar amparo no código penal e nas perspectivas adotadas por alguns profissionais, tais como médicos e policiais. Estão excluídas, portanto, a violência moral, a simbólica e a violência econômica (atentados à propriedade, ou que derivam em privações de ordem econômica).

Apesar da complexidade que envolve o debate em torno do tema violência existem conceituações em comum sobre o mesmo que ajudam a delimitá-lo: a noção de coerção ou força e o dano que é produzido a um indivíduo ou grupo social (classe ou categoria social, gênero ou etnia), violação de direitos humanos e sentidos para os vitimados, sendo, portanto básico privilegiar no conceito de violência tanto princípios civilizatórios sobre direitos – já que muitas vezes os destituídos desses não têm condições objetivas ou parâmetros para se reconhecerem como vítimas – quanto o percebido, o sentido, o assumido como sofrimento, dor ou dano. O “objetificado” nas violências tanto pode ser direitos materiais quanto culturais e simbólicos, sendo que a violência é um tipo de relação social. Nesse sentido, vale a pena recuperar a definição de Michaud:

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais (Michaud, 1989).

Contudo, há que observar que ainda segundo o autor mais importante que uma definição precisa sobre violência, é levar em conta seus condicionantes, como :

- 1 ) Toda definição requer pressupostos e não necessariamente representa todos os casos;
- 2 ) Uma definição de violência depende de critérios de referência como, por exemplo, jurídico, institucional, relacionado a valores de um grupo, disposições pessoais e tempo histórico.

Considerando tais condicionantes, pondera Michaud (1989): É preciso estar pronto para admitir que não haja discurso nem saber universal sobre violência: cada sociedade está às voltas com sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito. Às grandes questões filosóficas e às grandes respostas se substituíram e se substituem, cada vez mais, pelas ações através das quais as sociedades se administram.

O conceito de violência à violência física, na medida que tal definição não leva em conta que pode existir um componente forte de subjetividade no entendimento que um indivíduo tem do fenômeno. O autor adverte que assim se desconsidera que a percepção do que é ou não violência nem sempre se sustenta em fatos concretos, e sim em sensações e em “rumores” que circulam no social. Um exemplo é o que se conhece como sentimento de insegurança, que leva as pessoas a se recolherem em si mesmas e nos espaços aprovados, às vezes porque têm medo do risco de serem vítimas.

A redução da violência ao dano físico desconsidera o ganho civilizatório no plano de direitos humanos, de reconhecimento da humanidade das diversas identidades e o respeito devido a essas. Nessa linha, os preconceitos como os que decolam de gênero, raça, geração e classe, entre tantos outros, e suas manifestações são consideradas, hoje, também violências àqueles direitos.

Existem outras maneiras de apreender a violência como fenômeno social, operando-se com uma conceituação ampla. Dentro dessa linha, associa violência com uso de força e poder (especialmente pelo Estado e pelas instituições educacionais). Nessa perspectiva violência se confunde com coerção, seja ela deliberada ou não:

Se a violência não envolve necessariamente uma agressão física no confronto direto de algumas pessoas com outras, então a distinção entre violência e outras formas coercitivas de infligir danos, dor e morte fica enevoadada. Uma política que deliberada ou conscientemente conduza à morte de pessoas por fome ou doença pode ser qualificada de violenta. Essa é a razão por que slogans como “pobreza e violência” ou “exploração e violência” não constituem meras hipérboles. (Arbastler, 1996 apud Castro, 2002).

É comum, na literatura, a associação entre poder e exercício da violência. Contudo, sabemos o quanto é importante à distinção conceitual entre o poder e violência se a intenção é “deduzir ações pra contê-la, amenizá-la ou eliminá-la”.

O poder, mesmo que possa ser eventualmente questionado seu sentido ou ação, é amparado, em maior ou menor grau, por algum nível de consenso grupal. Na violência, ao contrario, estamos submersos no campo da arbitrariedade onde o direito e a lei, baluartes da civilização, estão banidos. Ou, em outras palavras, a

forma extrema de poder é todos contra um, a forma extrema de violência é do um contra todos.

## **1.2 Tipos da violência**

### **1.2.1 Ameaças**

A primeira modalidade de violência contra a pessoa consiste em ameaças, ou seja, promessas, explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou bens de outrem. As ameaças podem ocorrer entre os alunos e entre os membros do corpo técnico-pedagógico, como, também, podem ser dirigidas a pais e funcionários, ganhando magnitude no espaço escolar, gerando um clima de medo e de retraimento das vítimas. Este é um mecanismo utilizado para demonstrar poder e, a depender do objetivo e da intimidação, pode se concretizar em agressões físicas.

As ameaças são, muitas vezes, minimizadas e consideradas parte da comunicação entre os jovens, sendo associadas a expressões verbais que não se concretizam necessariamente em agressão física. Contudo, no plano de uma ética de civilidade, em particular em ambiências escolares, elas merecem atenção singular, pois muitas vezes, se configuram como um ato cujo objetivo é amedrontar, intimidar, criar uma situação de insegurança, sublinhar superioridade.

Muitas vezes, é utilizada como um recurso para colocar o outro em posição de subordinação, estabelecendo-se uma relação de poder, principalmente pelo medo, instituindo-se no caráter de violência extrema em sua verbalização. O poder exercido pelas ameaças é singular, porque mina vontades, paralisa reações, recorrendo comumente à linguagem que passa a ter a vida própria, constituir-se em um poder em si mesmo, ou seja, sem necessariamente contar com um lastro de apoio material que garanta a realização do verbalizado. O efeito pretendido, gerar o sentimento de impotência, insegurança, medo, pode ser devastador para a pessoa vitimizada, em particular no ambiente escolar, onde convivem cotidianamente o agressor e o ofendido.

Vale destacar-se que, em boa parte das vezes, as motivações declaradas para as ameaças são banais, não são explícitas, o que reforça a idéia de uma certa violência gratuita, naturalizada, nas relações entre os alunos.

Entretanto, não somente os alunos são vítimas de ameaças nas escolas, mas especialmente os professores ocasionados por notas e pelas falhas disciplinares nas salas de aula. As ameaças aos diretores geralmente acontece quando estes recorrem a punições mais severas, como suspensões e expulsões. Os agentes de disciplinas e inspetores de disciplinas seriam ameaçados por aplicarem advertências e sanções por falhas disciplinares e impontualidades. Essas expressões encontradas pelos alunos é uma maneira de evidenciar a existência de problemas de relacionamento entre os membros da escola.

Os adultos da escola não são somente vítimas, mas também podem ser agressores, sem verbalizar diretamente, os estudantes reagem, de maneira agressiva, as rotinas adotadas pelos professores consideradas violentas e, em geral, à imposição do poder da instituição escolar, como a disciplina, as exigências e as regras de aferição do conhecimento, mas dificilmente comunicam os motivos ou por quais parâmetros entendem tais rituais do mundo escolar como violações a serem rebatidas por ameaças.

Verifica-se que as ameaças têm impactos negativos indiretos sobre o processo de ensino e aprendizagem, comprometendo o desempenho profissional dos professores e a relação do aluno com a escola. As faltas constantes, a desconcentração e o nevorsismo podem indicar que alguma coisa está errada com o aluno ou mesmo com algum adulto. A escola precisa esta atenta para prevenir e remediar qualquer tipo de violência que acometa os atores escolares, oferecendo-lhes segurança e proteção, sem deixar que a violência e a omissão os expulsem de um espaço, cuja matéria prima deveria ser o “aprender a ser” através do convívio social.

### **1.2.2 Agressão Física**

A escola tem sido palco de ocorrências de diversos tipos de violência, dentre aos quais se destacam as brigas com agressões físicas. As brigas representam uma das modalidades de violência mais freqüentes nas escolas, abrangendo a juventude com condutas brutais. Esse tipo de agressão entre alunos manifesta-se,

inicialmente, por ataques verbais proferidos pelos mesmos. É quando se torna difícil estabelecer demarcações precisas entre tipos de violência, como brigas e ameaças. O mais comum nas escolas parece ser situações-limite entre os bate-bocas e discussões.

As brigas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Muitas vezes, as brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não conseqüências mais graves. Entretanto, verifica-se que há brincadeiras cuja própria natureza envolve a violência que começam na brincadeira e acabam na pancadaria.

Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos uns dos outros. O olhar direto, “encarar”, é visto como desrespeito e desafiador e pode levar os confrontos. Também esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como atitude pouco cuidadosa e de provocação, podem ocasionar brigas violentas.

Os alunos aprendem a se agredir na ausência dos adultos e a se defender contra a agressão de outras pessoas. E aqueles que não incorporam e que não aprendem na prática a estratégia de defesa e de agressividade nas relações de força e de dominação existente no grupo, são fadados a não reagir sendo assim condenados a serem eternos fracos e submissos à dominação de seus pares.

A delimitação dos espaços e dos momentos nos quais as brigas ocorrem contribui para a compreensão de como as relações se desenvolvem nos vários ambientes da escola. As brigas entre pares acontecem em diferentes espaços, tanto dentro como fora da escola, tendo a acontecer em situações nas quais os alunos estão circulando, sem a presença de adultos; dando destaque também a situações particulares de combinações de momentos e lugares como é o caso do horário de saída, lanche, recreio.

As agressões físicas se constituem em um dado preocupante sobre como as relações interpessoais se dão no ambiente escolar, colaborando para a reprodução de uma cultura da violência e da agressividade, sua banalização, especialmente entre os pares. Tal estado de coisa exige da escola, de seus gestores, bem como daqueles mais diretamente responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem, um maior preparo para entender as interferências do fenômeno da violência na

rotina escolar e para prevenir, mediar e resolver o que resulta de suas manifestações.

### 1.2.3 Violência Sexual

O assédio pode ter graves conseqüências sobre os jovens, criando uma cultura permissiva, em que atos desse tipo não são vistos como sérios e passíveis de punição. Podemos dizer que, o assédio sexual é entendido de maneira mais ampla, incluindo diversas formas de intimidação sexual – olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições – e de abusos – como propostas, insinuações e contatos físicos aparentemente não-intencionais – além de fofocas, frases, desenhos nos banheiros etc.

Vale destacar que o assédio sexual é uma forma das mais comuns de violência de professores contra alunos, principalmente contra mulheres, ainda que possa ocorrer entre os jovens ou envolver outros autores nas escolas. Inclui desde “brincadeiras” até estupros. As “brincadeiras” ou comentários jocosos podem ser dirigidos pelos alunos aos professores e vice-versa. Geralmente geram constrangimentos àqueles aos quais são dirigidos, mas que, muitas vezes, fazem à pessoa calar, às vezes, é banalizada, considerada “normal” o que colabora inclusive para sua repetição.

Um depoimento na pesquisa realizada pela UNESCO em 2003 evidenciou a proposta de um professor para “programas” sexuais envolvendo idas a motéis com pagamento pelos “serviços prestados”, estimulando assim o envolvimento com a prostituição:

*Acontece também no meu colégio e realmente tinha assédio mesmo. Eu ficava conversando com o professor de (...) no colégio. Eu estava desempregado, procurando emprego, doído para arrumar dinheiro. Aí falou para mim: “Eu sei um jeito fácil de você arrumar dinheiro.” Aí deixei para lá, pensei que ele estava brincando. Depois eu falei assim: “Professor, que tipo de trabalho é esse?” “Ha, é que tem uns colegas maus que saem assim: É um dinheiro fácil.” Eu falei: “Então explica, professor, que eu estou precisando de trabalhar” (...) Ele falou para mim que era programas com homossexuais, sabe? (...) Aí arei tudo. Não falei com ninguém, mas falei que se isso acontecesse novamente eu ia arrumar um*

*problema com ele, eu ia falar com a diretora (...). (Grupo focal com alunos, escola pública, Vitória).*

Muitos comentários transferem a culpa da violência para as meninas por provocarem os rapazes, por usarem um tipo de roupa “diferente”, “insinuante”. Tentando controlar o tipo de roupa usada pelas meninas, a diretora de algumas escolas supervisiona o vestuário das alunas.

Em muitos relatos, o assédio dos professores está associado a providências mais rigorosas, com processos judiciais encaminhados pelas vítimas. Às vezes, fica-se só na ameaça de denunciar à polícia, mas não se vai adiante por temor de represálias.

Acontecem, também, estupros nas imediações das escolas, tendo como conseqüências o medo e o abandono da escola. Embora as meninas sejam as maiores vítimas, estupros ocorrem também com os meninos.

Vale ressaltar que a educação sexual é obrigatória nas escolas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº. 9.394 de 20/12/96. E há 10 anos é obrigatória pelo Ministério da Educação. O objetivo é preparar os alunos de forma saudável e segura para o exercício da sexualidade. Mas isso não significa estimular a precocidade da sexualidade como alguns tentam aludir, mas trabalhar a idéia de sexualidade relacionada ao afeto, respeito, cidadania, melhorando a auto-estima e a segurança de jovens para escolhas mais sensatas e protegidas de riscos. Inclusive, evitando casos de abuso ou exploração sexual, só que, são poucas as escolas que desenvolvem esse trabalho educacional junto ao seu corpo docente e discente.

#### **1.2.4 O uso de armas**

O recurso às armas em brigas e conflitos, nesses tempos do agravamento da violência na sociedade, chega a grande medida à escola. Alguns estudantes justificam o porte de armas como necessidade de impor respeito, proteger e defender-se, relatos referidos a pesquisa realizada pela UNESCO em 2003 (ABRAMOVAY; RUA, 2003).

Mas a disponibilidade de uma arma aumenta o perigo de confrontos e homicídios, como ressalta a literatura nacional e internacional sobre o tema.

O que se observa também, é que as armas de fogo representam pequena porção das armas encontradas nas escolas. Entre elas, encontram-se as chamadas “armas brancas” e outras como correntes, cassetete, porretes.

A cultura da violência se sustenta, também, pela coerção e pela cumplicidade ativa ou passiva de muitos. Existe acobertamento entre os alunos que sabem quem vendem armas, quem entra armado e como fazer para entrar armado na escola. Vigora a lei do silêncio pela qual se calam sobre tais acontecimentos.

No bojo de uma cultura de violência, em que se amplia o uso das armas, quebram-se as clivagens sexuais quanto à violência. Assim, os membros da comunidade escolar, ouvidos na pesquisa, consideram que estaria aumentando o número de meninas flagradas com armas brancas, principalmente quando se envolvem em brigas.

Entre alunos, há queixas de que não existem medidas eficazes para inibir a entrada de armas nas escolas. Pode-se perceber, em algumas escolas públicas e privadas, certa preocupação dos estudantes em que haja efetivo controle de entrada de pessoas armadas. Anteriormente, ocorriam às chamadas revistas nas entradas das escolas, quando eram pegos alunos com armas, mas essas medidas não acontecem mais.

Algumas opiniões de professores de escolas públicas demonstraram as suas limitações ao que o Conselho Tutelar proíbe que as escolas tomem qualquer atitude quando deparam com um aluno armado. O máximo que se pode fazer é passar esse problema para o Conselho avaliar e tomar as devidas providências, relatos referidos a pesquisa realizada pela UNESCO em 2003 (ABRAMOVAY e RUA, 2003).

### **1.3 Violência na escola**

De fato, a violência na escola é tema sujeito a apreensões diferenciadas a depender do lugar de conhecimento do qual se decole. Autores do campo da psicologia, por exemplo tendem a enfatizar o envolvimento e seqüelas psíquicas nos

sujeitos envolvidos, em particular nas vítimas. As práticas pedagógicas são mais sublinhadas por educadores, discutindo-se regras, disciplinas e papéis institucionais, como o esperado no ser professor e no ser aluno.

Nesta pesquisa, também, se procede a um recorte epistemológico no debate sobre violência nas escolas que tende a uma orientação mais socio-lógica e passa pela discussão sobre as relações sociais entre os atores escolares. É fundamental marcar percepções, segundo lugares dos atores, bem com o lugar da instituição escolar frente à identidade juvenil; o jogo entre macro e micro interações, sem minimizar o momento histórico e a organização da sociedade.

O caráter complexo e multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno. Assim como ocorre com a violência em geral, a violência nas escolas pode ser definida de várias maneiras: como sinônimo de agressão física; como delito ou crimes; como transgressão; como agressão verbal; como as várias formas de discriminação; como ataques ao patrimônio, entre outras. Nesse sentido é necessário abandonar definições rígidas e restritivas, que limitam a violência a um ou outro tipo de manifestação.

Charlot (apud Waiselfisz, 2003) propõe um sistema de classificação dos episódios de violência na escola em que identificam três tipos de manifestação: a violência na escola, a violência contra a escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada às atividades da instituição escolar (quando a escola é invadida em virtude de acertos de contas, por exemplo). Neste caso, afirma ele, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em outro lugar.

A violência contra a escola está relacionada com a natureza e as atividades da instituição escolar e toma a forma de agressões ao patrimônio e às autoridades da escola (professores, diretores e demais funcionários). Essa modalidade de violência decorre de ressentimentos de certos jovens e de certas famílias contra a escola e seu funcionamento. Note-se que, essa acepção é uma modalidade de violência praticada principalmente por alunos e consiste em atos contra a instituição e contra aqueles que a representam.

Nesse sentido, a violência contra a escola está relacionada, à violência da escola: a violência institucional, simbólica, a qual se manifesta por meio do modo como a escola se organiza, funciona e trata os alunos (modo de composição das

classes, de atribuição de notas, tratamento desdanhoso ou desrespeito por parte dos adultos, entre outras coisas).

Furlong (citado por Abramovay, 2006) defende que distinguir violência escolar (escola como sistema que causa ou acentua problemas individuais) de violência na escola (escola como espaço físico onde se dão atos de agressão) é importante para que se possa estabelecer com clareza qual é o papel dos educadores e da escola enquanto instituição na prevenção de situações de violência.

Essa proposta de classificação da violência nas escolas ajuda a compreender o fenômeno na medida que considera manifestações de várias ordens. Contudo, mostra-se insuficiente para compreender certos tipos de manifestação que ocorrem dentro dos estabelecimentos de ensino e que estão relacionadas a problemas internos de funcionamento, de organização e de relacionamento.

Exemplo disso são as brigas entre alunos ou as discussões entre professores e alunos. É certo que brigas e discussões podem ocorrer em qualquer tipo de espaço social. Entretanto, quando se dão na sala de aula ou no pátio de um estabelecimento, é preciso analisar a conexão desses episódios com o ambiente escolar, com práticas e dinâmicas que se dão nele. Outra tentativa de dar conta da complexidade da violência nas escolas é adotar conceituações que apreendam sua multiplicidade de formas e de manifestações.

Dois aspectos chamam a atenção nesta leitura da violência nas escolas. Em primeiro lugar, a fragilidade da associação entre o aumento do envolvimento dos jovens em crimes e a violência escolar, visto que essa associação não é passível de ser caracterizada de maneira compreensiva, o que exige que se vá além de análises estatísticas de associação.

Segundo, o fato de os alunos serem apontados como os propagadores de violência no ambiente escolar desconsidera o papel de professores e demais adultos e da própria instituição escolar enquanto produtora de violência.

A escola, dependendo do seu foco e mecanismo, pode influenciar na incidência de problemas de comportamento dos alunos, atos de violência e agressividade envolvendo alunos, ignorando o papel da própria escola e dos adultos na produção de violência. Esta visão apresenta limites na medida em que não possibilita o inventário dos processos, enfatizando o papel de determinados indivíduos - no caso o aluno - como agente de violência. Perde-se, portanto, a dimensão processual da violência nas escolas, além de se incorrer no risco de

responsabilizar apenas um sujeito (o aluno) pelos episódios de violência que se dão nos estabelecimentos.

É preciso uma leitura da violência nas escolas como um fato social, buscando compreendê-la em si. Pode-se considerar insuficientes as modalidades de explicação causais (pobreza e fatores econômicos, por exemplo), modelos lingüísticos (descontinuidade entre a cultura escolar e a cultura de casa), interpretações psicossociais (abuso sexual e alienação do estudante) e os padrões estruturais de controle (do governo federal e dos governos estaduais), que essas maneiras de apreender o fenômeno são necessárias, mas são insuficientes para explicar os cenários em que a violência nas escolas se dá, pois enfocam uma causa, uma racionalidade que legitima a questão em vez de se ater às ocorrências concretas e ao processo de produção da violência.

Por outro lado, esse olhar sobre a violência nas escolas consiste em um ganho na medida em que possibilita aprender o fenômeno em si, atendo-se aos mecanismos e processos que a constituem, Por outro lado o autor chama a atenção para o processo sociais mais amplos que se vinculam a ela.

A defesa por conceitos ampliado de violência se fundamentam numa compreensão de fenômeno como algo intrinsecamente relacionados ao contexto social, histórico, cultural em que ele se dá, com a vantagem de poder abarcar ações, comportamentos e processos diferenciados que envolvem sujeitos distintos (alunos, professores, moradores da comunidade, etc.) e a própria instituição escolar. Assim, não são apenas os episódios graves e espetaculares – como homicídios, porre e uso de armas – que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino.

Tal perspectiva se equilibra por um estado de vigilância constante contra o perigo de generalização, pelas quais todos os conflitos são codificados com violência, e não consideradas suas singularidades, dadas por situações reais, que pedem atenção ao cotidiano escolar. Daí a importância de se mapear em detalhes casos por tipos de violência e conflitos, a de possíveis encadeamentos entre diferentes violência e conflitos, de diferentes gradações, o que alerta a uma sensibilidade a situações, relações e comportamentos que podem engendrar violências.

Esse deslocamento de perspectivas é importante do ponto de vista da compreensão da violência na escola, pois, esta vai além dos fatos e episódios que ganham visibilidade na mídia e na sociedade, o que implica na ocultação de outras dimensões e manifestações de violência incorporadas ao cotidiano das relações sociais.

Como afirma Charlot (apud Waiselfisz, 2003), a violência nas escolas é um fenômeno perpassado por múltiplas fontes de tensão – sociais, institucionais, relacionais e pedagógicas – que hoje agitam os estabelecimentos de ensino e sobre cuja base se produzem incidentes “violentos” no sentido mais estrito do termo. Para o autor, esta é a questão fundamental, pois uma simples faísca (um conflito, às vezes menor) provoca a explosão (o ato violento). Nesse sentido, as incivildades representam uma ameaça para o sistema escola.

Tal como a violência, a insegurança é construída em práticas cotidianas. Existem atos que podem passar despercebidos, mas que interferem direta ou indiretamente na vida dos indivíduos – tais como diferentes formas de incivildades.

As incivildades não são necessariamente comportamentos ilegais no sentido jurídico. No entanto, elas consistem em infrações à ordem estabelecida que ocorre na vida cotidiana. Mesmo não sendo aparentemente graves, são atos – como agressões verbais, xingamentos, atos de indisciplina, abuso de poder, etc. –, elas têm um potencial de desorganização da ordem coletiva e das referências de sentido individuais, destruindo laços sociais, fomentando experiência e a confiança no outro.

Nessa linha impera a lei do silêncio, a qual consiste em fingir que nada acontece, que não vemos nem sabemos de nada e, por isso continuamos com um sentimento de medo e insegurança guardados para nós. Temos a sensação de que estamos sozinhos, que sempre precisamos aprender a nos defender. Câmeras, alarmes, carros blindados são exemplos claros da “privatização da proteção”, a qual pode ter como consequência o abandono da exigência de uma proteção pública.

O grande perigo nesse movimento é a “atomização” do elo social pelo medo, pelo terror, criando um ambiente em que as soluções e medidas propostas para reduzir a violência e a insegurança são, muitas vezes, de caráter punitivo. Esse processo também dá margem para que os indivíduos comecem a fazer referência não-concretas a problemas da sociedade, os quais têm nome e sobrenome: a exclusão social, a pobreza, o tráfico, a venda de armas, as inadequadas estruturas

de prevenção para jovens, o sistema carcerário, entre outros, esperando-se por soluções.

Abramovay e Rua (2003) chamam a atenção para algo semelhante nas escolas brasileiras: apesar do aumento da visibilidade da “violência dura” nos estabelecimentos de ensino brasileiros, o que mais ocorre não são crimes, mas transgressões, pequenos atos de agressão e de incivilidade. Vale chamar a atenção para a existência de uma diferença fundamental entre crime e violência: violência é o exercício ou ameaça de utilização da força física enquanto crime é um ato que pode ser punido pela lei, é a transgressão de uma proibição legal.

Considerando o exposto, opta-se por abordar a problemática como uma construção social, que se dá em meio a processos e interações entre sujeitos num dado espaço institucional, a saber, a escola. Enfatiza-se portanto a perspectiva da violência como um processo social que compreende tanto ambiências externas como internas, e institucionais, em particular no que tange as relações sociais entre atores diversos.

Outra referência subjacente ao estudo se refere à reivindicação da palavra, na “desconstrução” de violências, ganhando força portanto a palavra de atores diversos, como aqueles vitimizados, reconhecendo, entretanto a complexidade de tal visibilização em uma cultura que cultiva a figura de herói e estigmatiza os “perdedores”. Pela crítica à escola melhor se identifica se há influência do tipo de escola na formatação de cotidiano e situações de violências.

A violência se relaciona com a palavra, assim como com o silenciamento, cerceamento da palavra, em planos diversos. A não negociação de conflitos estimula o recurso da não comunicação. Mas a não palavra se configura em violência além do corte da relação dialógica, a recusa à argumentação, a ouvir e compreender o outro, refletindo e transpondo intolerâncias. A palavra remete também ao lugar da educação, da razão, no debate da violência.

Dadoun (1998) reflete sobre os cortes entre “homo violens” e o “homo sapiens”, defendendo que não se trata de dilemas dicotômicos, como o debate entre educação segundo currículos clássicos, por conteúdos versus educação para cidadania e por temas que apelam para o reconhecimento da diversidade. Haveria que conjugar educação técnica, voltada para competências, com o investimento em uma educação para o exercício da criatividade, com apelo para artes, o conhecimento estético e ético, em que o apelo à razão sensível ou comprometida

com a humanidade contribuiria para uma cultura antídoto da violência. O autor sugere que o recurso da palavra, da ação comunicativa e criativa colabora para questionar não só violências individualizadas, mas as que exercem a instituição escola contra os alunos e professores, pelo corte de suas potencialidades criativas:

A violência do sistema educativo se daria por estar fundada sobre a competição, a seleção, a discriminação, a exclusão – com a violência dramática do fracasso que tendem a conduzir à desvalorização de si. (DADOUN, 1998).

## **2. EDUCAÇÃO FÍSICA E A VIOLÊNCIA**

O aumento da violência na atual sociedade vem sendo discutido há muito tempo, porém poucas ações são tomadas para que esse quadro se reverta. Quadro este que começa a atingir também a área de Educação Física e suas atividades didáticas.

Como podemos perceber, na escola, o aumento da agressividade e da violência, em muitos casos, são utilizados para promover atos de exclusão e marginalização de crianças que não conseguem interagir dentro de grupos específicos. Esta deficiência no processo de inclusão pode ser provocada por características individuais ou sociais de certos alunos.

Dentro do mesmo ambiente nota-se, também, um exacerbado aumento do individualismo e da competição, corroborando para uma falta de atitude e conduta de companheirismo e de cooperação. Tais atitudes tendem a se incrementar ainda mais com o passar dos anos, devido, principalmente, ao modo frenético de vida que a sociedade impõe, exigindo sempre mais das pessoas e incentivando uma perspectiva competitiva de se ter sempre a necessidade de ser melhor que os outros.

As aulas de Educação Física escolar e de iniciação esportiva, por suas características, deveriam ser um espaço diferenciado, onde, através de suas propostas e estratégias pedagógicas, representasse um ambiente de possibilidades mais concretas de interação e de aprendizagem, em que o conviver e o divertir-se com o outro pudessem ser valorizados, assimilando, inclusive, as regras sociais de convivência. Porém, infelizmente, não é o que necessariamente ocorre, ficando esta perspectiva associada e dependente do esclarecimento do próprio profissional envolvido.

A própria falta de estímulos positivos, de conscientização e o profundo desconhecimento do universo lúdico transformam esses ambientes em verdadeiros "campos de batalha", fomentando atos agressivos e o exagero da competitividade, que vão, por sua vez, conduzir as crianças e os jovens a atitudes de rebeldia.

Dias (1996) retrata que, tanto a realidade social (família, escola, amigos), quanto os estímulos gerados pela mídia, especialmente a televisão, podem interferir sensivelmente na formação de indivíduos agressivos, os quais utilizam a violência como estratégia de resolução de problemas cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar. Uma educação autoritária dentro do ambiente familiar também pode causar danos à criança, podendo transformá-la em um adulto revoltado.

Para a realização de um processo de conscientização e de redução desta agressividade é necessário que algumas estratégias, relativas ao universo de atuação profissional e pessoal referentes a uma melhor estruturação social e de mudanças dos valores disseminados, sejam repensadas.

Neste âmbito, aparecem como elemento decisivo, uma outra organização do trabalho pedagógico do professor de Educação Física, os quais, por meio de princípios curriculares na seleção dos objetivos e conteúdos pedagógicos, podem sugerir atividades de conscientização, integração, criatividade e solidariedade, que sejam mais efetivas e preventivas no combate destas ações de violência.

Este profissional tem inúmeros recursos para incentivar atitudes inclusivas e fomentar a interação social entre os alunos, pelo fato de lidar com o corpo em movimento, o que vai ao encontro das expectativas e necessidades biopsíquicas e sociais de todas as faixas etárias e pela riqueza de exploração do universo lúdico, capaz de estimular mudanças dentro e fora do contexto escolar.

É neste contexto que aparecem os Jogos Cooperativos como um dos recursos sugeridos, possível de serem implementados na Educação Física, por apresentarem uma estrutura alternativa aos jogos formais, os quais são baseados apenas em atitudes antagonistas, como ganhar e perder.

Os Jogos Cooperativos apresentam a necessidade de ações onde os participantes colaboram entre si, para que um objetivo comum seja alcançado. Existe a necessidade de jogar uns com os outros, superar desafios conjuntos, compartilhar sucessos, vencer juntos e quebrar as barreiras do individualismo. O confronto é minimizado e dá lugar ao encontro, à união das pessoas em prol da mesma finalidade, visando à eliminação do medo e do fracasso individual.

A idéia de Brotto (2001), em que ninguém joga ou vive sozinho, e de que ninguém joga ou vive tão bem em oposição e competição contra outros, como se jogasse ou vivesse em sinergia e cooperação com todos, catalisa a necessidade de se refletir sobre as atitudes diárias como seres humanos e como profissionais da Educação e da Saúde.

Um dos principais objetivos dos jogos cooperativos, enfatizado por Brotto (2001), é o de levar as pessoas a vencer os desafios, limites e medos pessoais, ultrapassando a idéia de que o importante é superar os outros.

Outro elemento bastante importante sobre a filosofia implementada nos jogos cooperativos é que, dentro destes conceitos não se pode traçar uma linha divisória entre cooperação e competição tornando esses termos equivocadamente antagônicos, sendo que, na concepção original, definida por Medina (1989) os jogos cooperativos e competitivos podem e devem se relacionar, promovendo a união para se alcançar a vitória, a qual, não necessita ser de uma equipe, apenas, mas de todos os envolvidos, sem ganho individual, mas com retorno positivo a todos.

No entanto, será que realmente isso é possível, trabalharmos a idéia de competição/cooperação num mesmo sentido? De acordo com o significado encontrado no Dicionário Aurélio (1993) de cada termo, pode perceber a distinção; pois cooperar, diz respeito a trabalhar em comum, colaborar, auxiliar, ajudar; competir, pretender uma coisa simultaneamente com outrem, rivalizar com.

Podemos perceber a notável diferença entre os termos, num entanto muito frágil, permitindo certa permuta de características, exigindo uma atenção redobrada para a dinâmica Cooperação/Competição, para não se cometer enganos. Desta forma exige certa atenção para os meios e os fins que se queira alcançar de uma determinada situação.

Incentivar as pessoas a integrarem valores adequados ao jogo em grupo e a controlarem a competitividade, a qual é inerente ao ser humano e não precisar ser estimulada, ao invés de serem controlados por ela, é fator fundamental para que os ideais se relacionem. Outros aspectos importantes são o de se valorizar a presença do adversário, sem o qual o jogo ficaria descaracterizado e sem motivação, e o de se aprimorar os valores e a conscientização de que a vitória sobre alguém deve ser vista apenas como parte do prazer de jogar.

Neste sentido, a aula de Educação Física, parece ser uma excelente oportunidade de se programar tais estratégias pedagógicas, que devem ser utilizadas pelo professor com a finalidade de ampliar a reflexão dos alunos sobre a idéia de que se pode ganhar sempre, mesmo sem ter que, necessariamente, vencer, e propiciar a implementação de atitudes éticas durante as relações, lançando desafios que extrapolam os muros das instituições escolares e refletem, inclusive, no âmbito do lazer.

Assim, concordamos com Brotto (2001), quando afirma: “Como seres humanos, individual e coletivamente falando, somos capazes de atos de extrema

violência contra os outros ou contra nós mesmos (rivalidade competitiva). Do mesmo modo, porém em direção oposta, somos extraordinariamente aptos para nos doar, incondicionalmente, aos outros (auxílio cooperativo)”.

## **2.1 Educação Física Escolar na educação de crianças e jovens**

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A Educação Física deveria ajudar os alunos a compreender que o domínio de conhecimentos, o aprimoramento do seu físico, a prática esportiva, o uso sadio do corpo e a disposição física têm em vista sua participação ativa na sociedade como sujeitos que lutam pela sua emancipação econômica, social, política e cultural.

Medina (apud Lippelt, 2004) afirma que: enquanto ficamos como espectadores mais ou menos estáticos da vida que esta aí, nenhuma transformação significativa poderá ocorrer. Cabe a cada um ascender a níveis cada vez maiores de consciência coletiva que leve o homem, através da ação, a buscar sempre a sua realização plena, melhorando a qualidade de sua vida, conjuntamente com os outros.

Nesse sentido, a disciplina de Educação Física é uma grande aliada para se ter com os alunos rodas de conversas, abrindo espaços para se dialogar e questionar sobre a realidade a qual estão inseridos dentro da sociedade, pois se existe um espaço maior para esse tipo de atividade, não só se preocupando em transmitir somente o conteúdo programático previsto pelo currículo, como acontece com as outras disciplinas e a exigência que o sistema educacional cobra que se tenha, mas também trazer discursões sobre temas da atualidade dentro de uma perspectiva da cultura corporal.

Nessa perspectiva o sujeito (alunos) é concebido como ser social e histórico que, embora determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, é seu criador e agente transformador da realidade. O conhecimento da realidade, a

apropriação de elementos que possibilitem uma análise mais avançada do contexto, das dinâmicas sociais e a ação transformadora dos homens se orientam para a obtenção de maiores níveis de liberdade, autonomia e desalienação adquiridos através de permanentes lutas e da superação das contradições sociais.

A educação física não deveria ser somente a busca de resultados, a exacerbação dos músculos, o primeiro lugar; o pódio, não deveria ser uma atividade mecânica na qual só é usada a estrutura física do aluno, esquecendo de utilizar também os domínios afetivos, cognitivos, políticos e sociais. Essa é uma estruturação totalmente tecnicista / capitalista, onde o homem é visto com uma máquina que precisa ter um corpo saudável para produzir, sendo o sujeito produto da sua atividade.

O trabalho pedagógico é uma prática social que atua na configuração da existência humana, munida de forma e conteúdo, e a escola, espaço institucional de formação humana, cumpre determinações desta prática e trabalho pedagógico, procurando dar conta dessa tarefa. A educação física como prática pedagógica, não é destituída de pensamento, mas pode ser utilizada como meio de aprofundar sobre a realidade através da problematização de conteúdos, refletindo sobre as contradições da nossa sociedade, sobre as possibilidades de superação de suas condições adversas e empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena.

Gramsci (citado por Brito, 1997), percebe que ela é indissoluvelmente ligada a uma concepção de homem, sociedade e escola, e no seu papel na transformação da sociedade numa direção participativa, em que a disciplina deveria ser fixada pelos membros coletivamente, por meio de discussões e acordos, firmados no máximo de respeito e tolerância, como instrumento educativo.

Esse ajustamento ou melhoria de comportamento do aluno deve ter uma participação efetiva do profissional de educação física, em que ele, além de ser mais um canal de informação, também poderia ser um facilitador de conhecimentos, experiências e situações. O professor deve ser antes de tudo, um facilitador. Ser facilitador significa intervir na organização das estruturas ambientais e na orientação de certas atividades; significa ainda, criar uma situação social na qual o aluno passa a se integrar e perceber por si mesmo os limites de sua ação. O professor deve ser responsável pelo direcionamento de uma aprendizagem social mais dirigida aos valores humanos e sociais do que aos conhecimentos técnicos; as atividades de

educação física irão, deste modo, atuar no comportamento do aluno, nas suas atitudes, até mesmo na sua personalidade. Deve ser um veiculador de valores, vinculando a forma de ensino e a socialização do indivíduo ou da criança por meio da internalização de valores e de normas de conduta prevalecente da sociedade a qual pertence.

Isto não significa que devam ser abandonadas as técnicas e regras que compõem cada jogo, nem que se vá ignorar, por completo, o lado competitivo das diferentes atividades que são específicas desta disciplina, e que possuem um caráter eminentemente prático, o que faz parte de sua natureza. Deve-se, portanto, direcionar as referidas técnicas, regras e competições, para uma abordagem mais humanista e social, como também dar oportunidades aos alunos de trabalharem as regras dos jogos e atividades como se fizessem parte de sua vida.

Mas como bem sabemos, a via de ensino tem suas curvas. Então em situações de conflitos dentro das aulas, pode ser também usada como oportunidades para iniciar uma conversa pedagógica, em cima do imprevisto gerado, discutindo sobre o acontecido, avaliando o contexto geral, levantando debates e assim oportunizar a conscientização dos atos tomados em determinados momentos.

## **2.2. Educação Física na prevenção da violência**

O professor de educação física é um profissional que pode agir e atuar na prevenção e mediação dos problemas de violência, e como mediador, pode atuar de diferentes formas, designadamente com a família, com as crianças ou jovens, no meio onde se registrem focos de violência e mesmo na escola como elemento mediador.

Apesar de haver discursos divergentes acerca do âmbito de intervenção podendo ser formal ou informal, Megargee e Hokanson (1976) dizem simplesmente que "a educação social não deve ter, entre as suas competências, a responsabilidade da atividade escolar". De fato, a transmissão de conhecimentos e conteúdos programáticos compete aos docentes e não aos educadores sociais. Na opinião de Guimarães (1996), a intervenção poderá ser ao nível da prevenção primária e secundária, centrando-se a "educação preventiva primária" em campanhas de sensibilização contra a conduta violenta na escola, realizadas nas

escolas, A.T.L.'s, casas da juventude, ou mesmo nos meios de comunicação social, formação de professores, pais e educadores, ... A "educação preventiva secundária" seria realizar atividades de educação não formal individualizadas, auxílio pedagógico a alunos com condutas violentas, intervenção direta na resolução de conflitos, ajuda aos pais que têm filhos com condutas violentas, orientando-os na resolução de tais problemas.

De fato, a tarefa do educador é prevenir e intervir em situações de desvio ou risco em qualquer franja mais debilitada da sociedade, de forma a criar mudanças qualitativas. Deverá exercer intencionalmente influências positivas nos indivíduos. A educação social atua concomitantemente com outros trabalhadores sociais de modo interdisciplinar na proteção e promoção sociais.

O papel do educador vem passando por um intenso processo de modificação nas últimas décadas, reflexo de constantes mudanças na sociedade, gerando novos desafios, demandas, instrumentos facilitadores e também inúmeros obstáculos. Um dos principais desafios encontrados pelo educador está no comportamento do aluno. De atitudes inadequadas a conflitos diretos com colegas de classe e professores, surgem algumas das maiores preocupações vivenciadas pela escola atualmente.

Problemas no estabelecimento e na manutenção da disciplina, aumento de atitudes agressivas, atos violentos, transgressão de regras, violação dos direitos alheios, entre outras manifestações anti-sociais no ambiente escolar, evidenciam importantes desajustes na relação educador/aluno. O educador diante de tal situação necessita conhecer as causas e conseqüências destes problemas para, então, buscar soluções e evitar o agravamento e a disseminação deste padrão de comportamento, passando do âmbito individual para o coletivo.

Diversas são as causas destes problemas, entre elas: frágeis referências morais, distorção de valores, questões familiares (dificuldades no estabelecimento de limites, regras, dinâmica familiar comprometida, violência doméstica etc.), problemas culturais, barreiras sócio-econômicas, conflitos emocionais do próprio educando, problemas de saúde mental do educando e/ou de familiares, comprometimento cognitivo ou dificuldades de aprendizagem.

Os problemas de saúde mental, cognitivos e de aprendizagem pouco são considerados como causas efetivas de comportamentos agressivos, mas sua interferência no padrão de comportamento de crianças e adolescentes vem sendo cada vez mais evidenciada por profissionais de saúde mental.

As dificuldades do aluno não são o único fator gerador de tais problemas. As condições emocionais e profissionais do educador também interferem no agravamento ou possibilitam a diluição dos problemas citados. Outro fator relevante é a ausência ou insuficiência de infra-estrutura e de recursos materiais, sociais e educacionais necessários para o pleno desenvolvimento do processo educativo. Recursos estes que deveriam ser garantidos pelo sistema educacional.

As conseqüências geradas são incalculáveis. O enfraquecimento da relação aluno/ educador, falhas no processo educativo, perda do referencial de autoridade no ambiente escolar e o inquestionável agravamento das barreiras encontradas por todos os envolvidos neste processo são apenas as mais evidentes. Tal é a gravidade destes problemas que estas conseqüências não se limitam ao ambiente escolar, mas se traduzem em sérios reflexos sociais.

Diante da multiplicidade de causas e conseqüências, seria insensato falar em soluções “mágicas”, especialmente a curto ou médio prazos. O que deve ser buscado gradualmente é a identificação dos fatores causais, o fortalecimento dos agentes implicados em todo o processo, a ampliação dos espaços e possibilidades de reflexão e discussão, buscando a melhoria das condições de ensino.

Na prática, o educador dispõe de alguns recursos importantes. O fortalecimento emocional e profissional garantem melhores possibilidades em sua atuação diária. Seu auto-conhecimento promoverá um melhor controle de situações de conflito. Neste processo, uma importante estratégia é a de potencializar sua capacidade em motivar seu aluno e despertar seu interesse pela busca do saber, oferecendo novas possibilidades de adquirir conhecimento e superar barreiras.

Evitar o confronto direto com o aluno é fundamental para preservar qualquer possibilidade de reestruturação de um relacionamento já comprometido. Para isto, é importante que o educador perceba que a manifestação agressiva, em geral, não tem como causa o próprio educador ou qualquer divergência pessoal por parte do aluno, mas é um reflexo das barreiras encontradas por este em seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

Ajudar o aluno a potencializar seus recursos internos, valorizar qualquer possibilidade de esforço ou conquista, promover o diálogo e buscar ajuda externa, quando a situação demonstra sinais de agravamento, são algumas das ferramentas que o educador dispõe. Além disso, o professor pode gerar uma reflexão entre os alunos sobre as questões que envolvem comportamentos, conflitos e atitudes

inadequadas, possibilitando o envolvimento dos jovens na construção de soluções. Faz parte da missão do educador e da instituição de ensino garantir às possíveis vítimas de atitudes agressivas o suporte necessário para a solução de problemas.

Para isso as aulas de Educação Física são bastante precisas, pois como já foi colocado, como não existe uma cobrança de transmitir conteúdo programático pela grade curricular da escola, se tem certa liberdade de discursões sobre temas da atualidade, da realidade que os cerca, como também dentro do conteúdo previsto trazer elementos que possibilitem a problematização da situação, e eles mesmos cheguem a uma conclusão.

Outra importante solução é a adoção de políticas públicas que fortaleçam e desenvolvam a atuação do educador e ofereçam melhores condições de ensino e de vivência no ambiente escolar, visando a diminuição do descompasso existente entre a vivência contemporânea e a realidade vivenciada em sala de aula.

Muito há que se pensar sobre soluções e caminhos para que o ambiente escolar possa realmente oferecer a alunos e profissionais as condições adequadas para o pleno desenvolvimento do processo educativo. Um ponto deve ser fortemente valorizado e explorado: a importância do papel do educador, não apenas diante de comportamentos inadequados, como também diante da possibilidade de tornar-se um agente transformador no desenvolvimento de seu aluno.

Os conflitos interpessoais nas escolas são praticamente inevitáveis, mas podem ser tratados de maneira que não seja transformado em violência. Sensibilizar pais e educadores para identificar diferentes formas de violência e apontar formas de prevenção.

## **METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA**

A presente pesquisa apresenta uma abordagem cujo caráter é qualitativo, descritivo. Segundo Thomas e Nelson (2002: 323) “a pesquisa qualitativa tem como foco a “essência” do fenômeno. [...] Os objetivos são a descrição, a compreensão e o significado [...] a descritiva por ser um estudo de status e é amplamente utilizada na educação e nas ciências comportamentais”. Para Richardson (1999), o método qualitativo de investigação é

caracterizado como tentativa de um entendimento detalhado dos significados e características situacionais apresentados pelos entrevistados, onde o pesquisador é a ferramenta chave.

Os sujeitos da presente pesquisa, foram educadores, alunos de ambos os sexos e os pais dos mesmos, pertencentes ao projeto “Jornada Ampliada”, desenvolvido na Aldeias Infantis S. O. S., localizadas na Av. Hilton Solto Maior, nº 555, no bairro de Mangabeira na cidade de João Pessoa – PB.

A organização Aldeias Infantis S.O.S., foi fundada em 1949, em Imst, Áustria, por Hermann Gmeiner, um jovem estudante de medicina, comprometido em ajudar crianças que perderam seus lares, suas famílias e sua segurança em consequência da Segunda Guerra Mundial. Com o apoio de muitos doadores e colaboradores, nessa organização vem crescendo para ajudar crianças, adolescentes e jovens em todas as partes do mundo.

Hoje, é uma organização de desenvolvimento social independente e não-governamental, que atua em benefício de crianças, adolescentes e jovem. Respeitando a diversidade religiosa, cultural e social, atuando em países onde possa contribuir para o desenvolvimento social, embasados nos principais documentos de garantia de direitos da criança e do adolescente.

Para a participação no presente estudo, foram utilizados como critérios de seleção, alunos de ambos os sexos que apresentaram dificuldades comportamentais durante as atividades pedagógicas.. A seleção desses sujeitos foi de maneira intencional com o envolvimento de 5 sujeitos.

Assim sendo, os sujeitos desta pesquisa foram dois educadores graduado em Pedagogia; cinco alunos entre 06 a 10 anos de um universo de cem crianças que freqüentam devidamente o projeto e estão corretamente matriculados, como também seus respectivos pais.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi à entrevista semi-estrutura, elaborada pela pesquisadora para este estudo. A entrevista é uma forma de interação social, em que é estabelecido um diálogo entre entrevistadora e entrevistado almejando a coletar das informações necessárias, (Gil, 1994). A coleta de dados foi realizada durante os meses de novembro/2009 e dezembro/2009. Com base na entrevista semi-estruturada, as entrevistas foram realizadas face-a-face, com os sujeitos da pesquisa, em um ambiente reservado, nos dias e nos horários previamente marcados com os entrevistados.

A fim de realizar-se o estudo proposto, o projeto foi encaminhado à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Depois de conseguida a aprovação por unanimidade na 5ª reunião, realizada no dia 07 de junho de 2009 sob o protocolo nº. 0266. Dessa forma, foi feito o contato com os participantes de forma direta e individual, em que foi explicado verbalmente o objetivo da pesquisa e entregue a cada participante um formulário de informação e consentimento livre e esclarecido, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho de Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba. Aos participantes que decidiram participar desse estudo, foram realizadas as entrevistas, sendo preservadas suas identidades.

Os procedimentos para a coleta de dados foram realizados em dois momentos distintos. O primeiro momento foi utilizado para visitar o local de realização do projeto e conversar com o professor, alunos e os respectivos pais, para apresentar os objetivos do estudo, assim como marcar data e horários para as entrevistas. O segundo momento foi destinado para a coleta dos dados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma íntegra em um editor de texto do computador, a fim de facilitar a análise do discurso dos participantes do estudo.

A análise das informações obtidas a partir das entrevistas, depois de transcrita, foi realizada uma leitura para extrair os pontos principais e importantes de acordo com o objetivo proposto, para assim interpretá-los de acordo com o que foi encontrado na literatura.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **1. Conhecendo referências sobre violência junto aos educadores**

Neste ponto, se analisa como os educadores enxergam a situação dentro do meio educacional, mostrando as suas opiniões, indagações, reclamações a respeito

da problemática violência e a ação dos seus superiores diante de situações e questões a respeito.

*“A questão da violência, ela deveria ser trabalhada em todos os seus requisitos (escolar, familiar, social, em todos), porque o mundo fecha os olhos, a escola fecha os olhos, a sociedade fecha os olhos, e a gente infelizmente, enquanto educador, enquanto cidadão, termina fechando os olhos pela circunstância, porque praticamente, assim, somos obrigados a ignorar, porque você sabe, você não consegue lutar sozinho.” (Educador A, 30/11).*

De acordo com o que esse educador apresenta, concordamos com Abramovay e Rua (2003), quando afirma que é preciso entender, compreender e explicar o fenômeno violência nas escolas recorrendo aos aspectos relativos às características das vítimas e de seus agressores, como também as diferentes instituições e ambientes que os mesmos circulam.

A educação escolar é um campo amplo de variáveis, e a violência é uma delas, que pode agir diretamente no comportamento, atitudes, pensamentos, de acordo com o que se queira trabalhar, tendo influência diretamente na formação de cidadãos, na conscientização da cidadania, na transmissão de valores, do saber, do conhecimento. Só que na prática, nos deparamos com um grande descaso dentro do âmbito escolar, tanto da parte dos governantes, sociedade, quanto à dos seus dirigentes, não se tendo uma atenção devida, uma prioridade na construção/formação de jovens/adultos mais humanos.

Muitas são as dúvidas existentes no processo educacional, tendo em vista a heterogeneidade existente nas salas de aula na qual o tempo de convivência é significativo no ensino fundamental, médio ou superior para que sejam desenvolvidas ações de conscientização e formação para a prática da cidadania. Se a educação tem uma finalidade política e social, um dos seus grandes objetivos é capacitar os educandos para refletir criticamente acerca dos diferentes problemas sociais. Sendo assim, o combate à violência nas escolas implica um trabalho conjunto, além de uma reestruturação do ensino, uma análise do currículo e das práticas desenvolvidas para verificar de que forma o trabalho pedagógico pode contribuir no enfrentamento desta situação, seja por meio de medidas preventivas, projetos, propostas ou alternativas (SILVA, 2009).

No entanto, a responsabilidade no combate a violência escolar, não esta somente dirigida aos educadores, aos professores, ao corpo docente das

instituições de ensino, “O papel da escola é orientar.” (Educador B, 30/11), e sim uma parceria entre educadores, governante e a família. Isso é que deveria acontecer, cada instituição desenvolver suas responsabilidades diante da sociedade, principalmente os governantes investindo na educação e em políticas públicas. Mas existe uma falta de consciência social dos governantes que não desempenham seu papel social. É assegurado as crianças e adolescente, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (2004), como dever do Estado, o acesso ao ensino obrigatório e gratuito, como consta no capítulo IV art. 54º inciso 1.

*“Os governantes, infelizmente também têm o papel seriíssimo e fica tipo, cavando, cavando, ah! E Só maquiando a situação.”* (Educador B, 30/11).

Dias (1996) propõe uma leitura da violência nas escolas como um fator social, buscando compreender em si, considerando insuficiente as modalidades de explicações causais interpretações psicossociais e os padrões estruturais de controle, que essas maneiras de apreender o fenômeno são necessárias, mas são insuficientes para explicar o cenário em que a violência nas escolas se dá, pois enfocam uma causa em vez de se ater às ocorrências concretas e ao processo de produção da violência.

A escola tem uma função importante na solução da problemática da violência em seu contexto e na sociedade em geral, mas não está preparada para enfrentar as dificuldades pertinentes ao comportamento agressivo do aluno que vivencia um ambiente extra-escolar altamente influente no comportamento do aluno, principalmente no que se diz respeito o que eles experimentam dentro do seio familiar, pois o comportamento das crianças/adolescentes são reflexos do que eles vivenciam em casa, rua, escola, entre outros.

Como afirma Charlot (apud Waiselfisz, 2003), a violência nas escolas é um fenômeno perpassado por múltiplas fontes de tensão – sociais, institucionais, relacionais e pedagógicas – que hoje agitam os estabelecimentos de ensino e sobre cuja, base se produzem incidentes “violentos” no sentido mais estrito do termo.

*“... a violência ela começa em casa e termina na escola, então temos que dá as mãos para que haja um bom senso para combater a violência que no qual esta cada dia assim, se multiplicando...”* (Educador B, 30/11).

O educador diante de situações de violência dentro da escola necessita conhecer as causas e conseqüências destes problemas para, então, buscar soluções e evitar o agravamento e a disseminação deste padrão de comportamento, passando do âmbito individual para o coletivo. Diversas são as causas destes problemas, entre elas, questões familiares, frágeis referências morais, distorção de valores, conflitos emocionais do próprio educando. “... a referência que o nosso público tem em casa é zero.” (Educador A, 30/11).

A questão da violência dentro das escolas, tornou-se um grande desafio não só para os educadores mas também para os diretores/gestores. Em muitos dos casos, nos deparamos com ações autoritárias, que muitas vezes reagem com ameaças, repressão, punições e expulsões, que terminam por agravar as relações interpessoais com os seus alunos. Concordando com Debarbieux citado por Waiselfisz (2003) quando chama atenção para a existência de análises que enfocam violência por parte dos professores contra alunos, exercida através de castigos e punições.

As dificuldades enfrentadas por professores e no processo de gestão escolar têm levado muitos a desenvolver uma perspectiva fatalista, passando a crer que, se as coisas estão assim, é porque sempre foram assim e assim serão para sempre, nada havendo que se possa fazer para melhorar a situação. O problema é que, ao adotar essa forma de pensar, sentir e atuar em relação a uma determinada questão, as pessoas se acomodam e aguardam passivamente o desenrolar dos fatos.

*“Infelizmente minha fala é toda pessimista e negativa. Porque o que eu vejo na prática, é todo mundo fechando os olhos. Se preocupando só com números, com números, com dinheiro, com verba, quanto disso, quanto isso, quanto aquilo. E qualidade? O que devemos fazer de fato, é fechar os olhos? Infelizmente é, e isso me consome as lágrimas.”* (Educador A, 30/11).

De acordo com essa fala, podemos apresentar o que Gramsci (citado por Brito, 1997) quando afirma que a prática pedagógica é indissolúvel e ligada a uma concepção de homem, sociedade e escola, e no seu papel na transformação da sociedade numa direção participativa, em que deveria ser fixada pelos membros coletivamente, por meio de discussões e acordos, firmados por todos no máximo de respeito e tolerância, como instrumento coletivo.

Diante do que esta sendo apresentado, podemos perceber o quanto os valores da amizade, companheirismo, cooperação, esta se perdendo e cada vez mais crescendo, entre as pessoas o sentimento de competitividade, não saboreando mais o desenvolver das atividades em grupo, respeitando as limitação e diferenças de cada um, e a disciplina educação física pode, dentro do âmbito escolar, por meio de brincadeiras, trabalhar todos esses valores que estão sendo esquecidos. “... através de uma brincadeira você pode mover tanta coisa, o coletivo, a questão da amizade, o respeito.” (Educador A, 30/11). Segundo Abramovay e Rua (2003), a escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como, de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações.

Só que, o que também foi observado, foi à falta de conhecimento da importância desta disciplina, quanto formação dos alunos, sendo citada como meramente uma forma dos alunos “gastarem suas energias”, que assim, durante as atividades dentro de sala de aula pudessem fica mais tranquilos, mais quietos, pois já estariam cansados. Apresentando as diferenças de informações a cerca do entendimento da disciplina Educação Física:

*“... a energia dos meninos daqui é direto do Paulo Afonso. E quando eles passam por uma oficina de educação física, bom que eles exercitam eles saem descompensados perdendo uma carga boa de energia, só tem a contribuir” (Educador B, 30/11).*

A Educação Física não pode ser tratada como uma simples matéria no currículo escolar, não podendo ser encarada apenas como recreação, lazer, atividades sem objetivos ou um conjunto de exercícios buscando uma série de desempenhos e medidas através de números testados exaustivamente, concordando com a afirmação dessa educadora:

*“...você vê como ela é rica, como ela é boa pra trabalhar, porque você tem através de uma brincadeira de um dialogo, você harmonizar a situação, que você até então se você tiver em sala de aula você não consegue contornar. Se você tiver numa atividade corriqueira, você não consegue contornar determinada situação que acontece quando você esta numa atividade dessa que você consegue remover toda situação da intriga, da agressividade, da briga mesmo, corporal, e assim eu tive uma experiência maravilhosa.” (Educador A, 30/11).*

A educação física deveria promover, por meio de suas atividades, respeito às regras e normas do grupo, cooperação, disciplina, para que não fique caracterizada uma idéia de conflito permanente. Esse ajustamento ou melhoria, do comportamento do aluno, deve ter a participação ativa do Professor de Educação Física, em que, além de ser mais um canal de informação, também deve ser um facilitador de conhecimentos, experiências e situações.

Segundo Medina apud Lippelt (2004) a educação física tem um valor em si mesma e faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e/ou comportamentos. Neste caso, além da prática, o indivíduo passa a ter uma consciência corporal que vai lhe proporcionar, através da socialização, intercalada com momentos de reflexão, o sentido da unidade.

*“Se a educação física estiver realmente dentro dessa perspectiva, ela vai ser um ótimo instrumento pra gente harmonizar situações difíceis do dia a dia, na escola, sala de aula e eventos e aí à fora.” (Educador A30/11).*

## **2. Conhecendo referências sobre violência junto aos pais**

Neste seguinte ponto, podemos analisar como os pais dos alunos da instituição de ensino aqui envolvida, comentam sobre a vida escolar dos seus filhos e como manifestam suas opiniões, indagações a respeito da violência dentro do seio escolar, em que muitas vezes seus filhos são vítimas ou estão envolvidos em situações de conflito.

A primeira análise diante do que se observou nas entrevistas realizadas com os pais, é que a maioria tem o ensino fundamental, tendo assim pouco conhecimento escolar para ser transmitido para os seus filhos. Só que, o que acontece, a jornada de trabalho durante todo o dia é muito extensa, obrigando aos pais colocarem cedo os seus filhos em creches, os impedindo de ter um momento de acompanhamento das responsabilidades escolares, ficando somente em detrimento da escola a tarefa educacional.

O que também podemos observar são as várias obrigações que os pais têm em relação aos sustentos e responsabilidade diante da família, trabalho fora de casa, dentro de casa, com os filhos, sobrando pouco tempo para o lazer. O tempo que “sobra” é destinado para os afazeres domésticos que durante a semana não dar

tempo. *“Cuidar da casa, e quando dar, passear com eles”*. (Pai B, 10/12), não tendo um tempo reservado ao um lazer da família. Como esta citado no Estatuto da Criança e do Adolescente (2004), capítulo III art. 22º, que incumbe aos pais o sustento, guarda e educação dos filhos.

Diante do exposto, podemos concordar com Gomes (2007) quando em seu texto diz que é na família que se constitui o primeiro universo social do sujeito. Nela ou a parti dela se constrói (ou não) uma história do encontro do sujeito com o desconhecido, começando, no entanto o reconhecimento do bom e do mau objeto: as alegrias, as tristezas e desamparos.

Podemos aqui dizer que, se os alunos são provenientes de famílias organizadas, com razoável cultura e escolaridade, conseguem aprender e serem alunos com aproveitamento, o que talvez não aconteça quando se tem uma base familiar desagregada com inúmeros problemas, rapidamente caminham para a reprovação.

Correia (citado por Gomes, 2007), afirma que a família é uma organização complexa e variada, integra níveis psíquicos diferenciados, singulares e plurais articulados em funções de aliança, pactos e contratos inconscientes, que são, dessa forma, organizadores da vida psíquica no grupo e do grupo.

Só que, o que podemos observar é que esse primeiro universo social esta sendo um tanto desestruturado, devido às diversas obrigações que os “chefes” de família têm, se estruturando de forma como foi se constituindo com os seus membros e como cada um vai realizando a sua leitura sobre os padrões e formas de funcionamento.

Nessa situação ao qual a família esta inserida, ela é apontada por muitos como sendo responsável pela delinquência juvenil, violência que se espalha na escola, da utilização de drogas. Assim, a idéia é que ela é a responsável direta, por assim dizer, por todos os males da degradação social que se vive na contemporaneidade. (GOMES, 2007).

*“Está na família. Primeiramente a família. (...) Porque primeiro começa em casa. Eu acho que a gente tem que educar, primeiro vem da educação, se não tiver educação não tem nada.”* (Pai B, 10/12).

Mas bem sabemos que a escola tem seu papel fundamental na construção, formação e desenvolvimento bio-psico-social dos sujeitos, não assumido como responsável por essas ocorrências e as intervenções necessárias para se caminhar em direção a uma compreensão da violência que seja capaz de favorecer a harmonia na convivência escolar e uma cultura de paz.

Postos nestes termos, há pontos de tangência entre pais e educadores nos exercício das suas funções, o que, portanto, não significa dizer que os seus lugares se confundem. Eles têm uma função, co-extensiva na medida e que articula o desejo de educar com o desejo de ensinar. (MARTINS apud GOMES, 2007).

Azevedo (2009), em seu estudo, afirma que, a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão de valores e normas.

*“... a escola é uma ajuda. Só que nós pais, temos que ter mais responsabilidade, porque se a gente só jogar nossos filhos no colégio, num observar os cadernos, num vir falar com os professores, como vamos saber que os nossos filhos vão pra frente?” (Pai C, 11/12).*

O ponto de vista dos professores denota que a violência e o comportamento agressivo dentro da escola não têm origem intra-muros escolares, mas, sim, dentro de casa, ou seja, foi à família quem perdeu o controle sobre o jovem, foram os pais que não cumpriram a sua obrigação de educar os filhos e jogaram o peso desta responsabilidade, exclusivamente, para a escola. De acordo com os professores, a família deveria se ocupar da formação moral, no sentido de valores e princípios, dos alunos.

*“... não estou sabendo lhe dar com ele de jeito nenhum. Ah! Ta difícil, às vezes eu fico com a cabeça baixa, eu num bato. Estou perdida, sem saber o que fazer.” (Pai A, 08/12).*

Neste sentido Azevedo (2009) diz que a família não pode demitir do seu papel e atribuir responsabilidades aos outros agentes educativos na formação dos seus descendentes.

Por outro lado, temos a escola responsável pela educação das crianças e dos jovens, isto é, pela transmissão da cultura, do saber, responsável pelo processo de humanização como trabalho civilizatório. (GOMES, 2007).

A má educação dada pelos pais, à ausência destes e a falta de limites dos jovens, podem ser consideradas como sendo a causa principal desses casos de violência. Na outra mão, escola/professor estão voltados para o acúmulo de saber, sem muito compromisso de formação para a vida. Ambas as incapacidades unidas podem transformar a recente autonomia conquistada pelos alunos em transgressão ou violência.

O que acontece também é a falta de entendimento dos pais sobre as ações de violências para com os seus filhos. Sabemos que o indivíduo é o reflexo do meio em que esta inserido, então se uma criança vive em um ambiente desestruturado emocionalmente, conseqüentemente poderá ser também. *“Porque eu sou muito esquentada (...) não tenho paciência. Já bati muito nele e, hoje em dia tá difícil lhe dar com ele.”* (Pai A, 08/12).

Nesse sentido concordamos com Abramovay e Rua (2003) quando afirma em seus estudos que é preciso entender, compreender e explicar o fenômeno violência, recorrendo aos aspectos relativos às características das vítimas e de seus agressores como também o ambiente que os mesmos circulam.

Diante da afirmação citada, podemos aqui relatar, um desabafo de um dos entrevistados quando se perguntou sobre o que entendia sobre violência:

*“Eu num gosto de falar não. Já apanhei muito. Já apanhei de cabo de aço, mangueira de bujão. (...) Quando eu ia dormir ele vinha me alisar, a mim e as minhas irmãs. Quando minha mãe morreu, que eu fui morar com os meus avós, meu avô veio fazer a mesma coisa que meu pai. Fui abusada pelo meu pai, meu irmão e meu avô. Fui morar na rua. (...) Dormia em banheiro de bar. Dormi até mesmo com a minha própria filha na rua.”* (Pai E, 30/11).

Como se pode pedir que os pais se envolvam nas atividades dos seus filhos, que os respeitem enquanto cidadãos, se e sua história o mesmo não aconteceu? Como cobrar deles carinho, atenção para com os filhos, se em muitos casos, não tem suporte psico-emocional para ser transmitido?

Temos a família como aquela esta ligada ao lugar de cuidado, proteção, do aprendizado de vinculações, de afetos, da construção de rede de pertencimento, de maneira a produzir sujeitos mais felizes. Mas, convém aqui demonstrar, que certamente, existe uma relação direta de como a família foi se constituindo, como seus membros foram interagindo e como cada um foi realizando sua leitura sobre os

padrões e formas de funcionamento. No Estatuto da Criança e do Adolescente (2004), capítulo III art. 19º afirma que toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família.

O que podemos também observar, é a falta de envolvimento dos pais dentro da escola e na própria comunidade, ficando assim inviável, desta forma, o envolvimento conjunto da instituição de ensino, comunidade, família e Estado na execução de ações frente à problemática da violência. *“Só venho pegar eles no horário de ir pra casa, porque o meu horário não permite eu vir pra ficar aqui.”* (Pai B, 10/12).

Porém, entendemos que tal segurança será ainda maior, com o envolvimento e união da família, da escola, da sociedade e demais entidades de controle social, para que juntos possamos propor e executar ações satisfatórias para a redução do problema e resgate dos valores morais e éticos dos jovens inseridos no contexto social escolar. Mas, percebemos que existe pouco envolvimento dos pais, tanto na escola quanto na comunidade. *“Nem na escola, nem na comunidade.”* (Pai C, 11/12).

Nesse sentido podemos contar com a grande ajuda das aulas de educação física, desempenhando sua função social perante seus alunos, trabalhando a convivência, cooperação, a afetividade, relacionamento em grupo, respeito, obediência às normas. Sendo aqui também observado, que os pais desconhecem a ação desta disciplina, afirmando que a sua função é de somente recreativa, um momento que os seus filhos têm para correr, brincar, jogar, sem nenhum objetivo maior.

*“Se ficarem só em casa parados, ou então no colégio, parados, ficam com aquela energia toda guardada, então na educação física eles correm, M1 gosta de jogar bola, M2 gosta de pular corda e, assim extravasa a energia deles.”* (Pai C, 11/12).

Mas há outras colocações que afirmam que a educação física não tem nenhum fundamento, nenhuma necessidade de se existir enquanto disciplina. *“Eu num acho muito bom esse negócio de educação física não. Eu acho muito bom não. Se fosse por mim mesmo, ela não teria não, aula de educação física não, eu acho que puxa muito a energia da criança, chega em casa muito cansada, depois num quer fazer mais nada.”* (Pai D, 02/12)

Diante das afirmações, cabe aqui a colocação do Coletivo de Autores (1992), quando afirma que a escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física com o objetivo de promover a leitura da realidade. O aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação.

### **3. Conhecendo referências sobre violência junto aos alunos.**

Já neste ponto, analisasse como os alunos da determinada instituição de ensino, relatam sobre o que acham sobre a violência na escola, seus pensamentos, opiniões, indagações, onde muitas vezes são ou agredidos ou agressores.

Ao analisar as entrevistas com os alunos, podemos perceber que os mesmos gostam de freqüentar as atividades pedagógicas da instituição. *“Gosto. (...) das professoras, das brincadeiras e das atividades”*. (Aluno C, 11/12). Enquanto jovem, o lazer e o convívio com os colegas têm uma importância primordial no seu processo de socialização e formação. (AZEVEDO, 2009).

Porém nos momentos de recreação, de socialização, onde se relacionam, interage, o tipo de brincadeiras que gostam de brincar é *“Pegar o cabelo dele e puxar”*. (Aluno B, 10/12), brincadeira esta que com requintes de crueldade, colocam em pauta as experimentações de sedução e poder.

Diante das observações citadas, percebemos que os alunos não têm ao certo o entendimento do que seja violência, não só o significado estrito da palavra, mas o que retrata em seu contexto. E quando expõe algo nesse sentido, é de maneira subjetiva, ou retratando algum fato vivenciado.

*“Violência, eu entendo que não se deve fazer que não é bom fazer, tem que respeitar todo mundo e que violência é crime. É quando bate e fica apanhando”*. (Aluno C, 11/12).

*“A minha mãe e o meu tio brigando, e eu não gosto de vê briga, fico muito nervosa (...) A Minha mãe chegou beba em casa, aí meu tio pegou logo ela e deu logo um murro na cara dela, ela pegou e foi para o banheiro e ele pegou e jogou ela no chão, minha mãe depois quebrou um vidro nele, na cabeça dele”*. (Aluno D, 02/12).

A educação deficitária por parte da família ou pelo menos onde o jovem vive (bairro degradado, alcoolismo, droga e tráfico, prostituição, detenção familiar, violência doméstica, furtos, resolução de conflitos com recursos à agressão, precárias condições de vida) fazem com que os jovens adquiram condutas de acordo com o que vivenciam diariamente. Muitas vezes, crianças e adolescentes com ausência de referências positivas.

Embora haja certa continuidade na transmissão de valores dos pais para filhos, a verdade é que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através de discursos variados que a escola e a família poderão ou não integrar. (AZEVEDO, 2009).

O que podemos também observar, é como as crianças utilizam o tempo livre, o tempo que estão fora da escola. Muitas delas passam o seu tempo colaborando com os afazeres domésticos, "*Ajudando minha mãe a ajeitar a casa, a varrer, lavar os pratos, forrar a cama, lavar banheiro e lavar roupa*" (Aluno B, 10/12) ou em frente da televisão, assistindo a programa que, muitas vezes não condiz com a idade, sendo esses, pela sedução tecnológica, contribuindo para a aquisição de novos saberes, progredindo o seu conhecimento.

Azevedo (2009) afirma que as crianças assistem a desenhos animados televisivos nas quais as personagens utilizam a violência para conseguir os seus intentos, por vezes, são atos nobres tais como salvar um amigo em perigo ou para salvar o planeta. O poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças formam uma cumplicidade que pode atuar perigosamente na formação cognitiva destas. Juste citado por Azevedo (2009) é da opinião que para essas crianças a violência é "algo normal", utilizam-na como arma quando consideram que ela é eficaz para conseguir os seus propósitos. "*Pica-pau, X-men e os desenhos do SBT*". (Aluno A, 08/12).

Os conflitos e dificuldades vivenciados pelo aluno são, algumas vezes, extensões, sim, de questões que permeiam o universo familiar, porém, são mais do que isto. Na verdade, não se chega a lugar nenhum quando se imagina que apenas esta instituição é responsável por todos os males que acontece o sujeito e a sociedade.

*“Ela bate e coloca de castigo e deixa a gente sem assisti o que mais gosta (...) Com a sandália, tamanco e cinturão, às vezes fica a marca”.* (Aluno D, 02/12).

A violência pode ser considerada uma doença crônica, pois é instalada numa parte da sociedade e vai criando metástases por toda a sociedade, a sua cura reside numa planificação eficaz, coordenada entre as instituições para solucionar a problemática em questão. (AZEVEDO, 2009).

A transmissão de valores, das formas de lidar com determinadas situações, ocorre, muito mais, de maneira silenciosa do que o discurso enunciado pelas figuras parentais. No conjunto, são estes os ingredientes que envolvem o processo de construção psicossocial de cada sujeito, como consegue superar os obstáculos que lhe são apresentados.

Segundo Werneck (citado por Lippelt, 2009) a escola é local de debate, cabendo aos alunos a decisão do futuro de suas vidas. Não cabe aos educadores, traçar a vida dos educandos deve sim, ser elementos úteis à educação sem massagear as mentes, transformando-os na imagem e semelhança de coisas agradáveis aos olhos. *“Eu num vejo muita coisa não. Eu vejo, que ela vai ter muita saúde, muita obediência, muita disciplina”.* (Alunos C, 11/12).

Na organização do conhecimento, deve-se levar em consideração que as formas de expressão corporal dos alunos refletem os condicionantes impostos pelas relações de poder com as classes dominantes no âmbito de sua vida particular, de seu trabalho e de seu lazer. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nesse sentido, podemos contar com a grande participação e ajuda das aulas de educação física, desenvolvendo atividades que envolvam a interação, socialização, trabalho em grupo, discutindo sobre temas que estejam inseridos dentro da realidade deles, como também dentro do contexto histórico, para assim contribuir para formação de cidadãos conscientes do meio social que estão inseridos.

Guimarães (citado por Lippelt, 2009) indica que as aulas constituem o espaço do conflito e do consenso, confrontam-se inúmeras formas de poder político implícitas no processo ensino-aprendizagem e o modo como esses conflitos e consenso são estabelecidos, resolvidos ou não resolvidos, tende a demonstrar a gradação de violência e cooperação embutidas nesse processo.

Só que o que observamos, é a não utilização desses subsídios dentro das aulas, utilizando das aulas de educação física com simples momentos de recreação,

os meninos com bolas e as meninas com cordas, não desenvolvendo o papel social que a educação física pode desenvolver. “*Brincar de bola*”. (Aluno A, 08/12), “*Brinco de corda, de voley*”. (Aluno D, 02/12).

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como a reflexão da cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classes das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre os valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema “Violência na escola” não pertence somente à atualidade, mas é uma problemática que vem crescendo e tomando proporções tais, que requerem uma atenção maior, pois como podemos perceber, muitas vezes só é visto como causa e não como causador de toda uma situação que nos rodeia, tanto social quanto

educacional. Tentar entender a violência na escola vai de acordo com o olhar que se volta para o meio abordado, podendo assim perceber que as questões que envolvem o tema são delicadas e de extremo cuidado a ser questionado e analisado, mas o que dificulta mesmo é o fato de não existir nenhum consenso do significado do termo violência, sendo muitas vezes visto de acordo com o prisma de quem enxerga a situação ou o problema.

Neste sentido, este estudo buscou compreender e explicar o crescimento da problemática da violência dentro do meio educacional em especial nas aulas de educação física, especificando, identificando os possíveis motivos que levam a violência entre os alunos, educadores e a família, verificando como as escolas e as famílias estão se comportando diante da problemática aqui em questão e conhecendo a visão que os pais têm, pois como bem sabemos o crescimento desse fato é exorbitante, alunos, professores, funcionários são agredidos, tanto fisicamente quanto verbalmente, diariamente, analisando em uma determinada instituição de ensino Aldeias Infantis S. O. S. da cidade de João Pessoa/PB no bairro de Mangabeira, questionando como os educadores, alunos e as famílias analisam o crescimento da problemática da violência dentro do meio educacional, em especial nas aulas de educação física.

O primeiro ponto a ser analisado foi como os educadores enxergam a situação dentro do meio educacional, mostrando as suas opiniões, indagações, reclamações a respeito da problemática violência e a ação dos seus superiores diante de situações e questões a respeito, sendo aqui observado a grande contribuição da escola no combate a violência em seu contexto, a grande colaboração dos educadores diante de certas situações, mas, infelizmente, não tendo muito apoio dos superiores e contribuição do Estado, levando a perspectiva fatalista pelo descaso diante da problemática. Outro fato também observado foi à diferenças de pensamentos sobre a importância, das aulas de educação física na formação dos alunos, sendo vista como um simples momento de recreação para os alunos gastarem energia, como também algo fundamental para a construção da socialização dos alunos.

O segundo ponto foi com os pais. O que eles comentam sobre a vida escolar dos seus filhos e como manifestam suas opiniões, indagações a respeito da violência dentro do seio escolar, em que muitas vezes seus filhos são vítimas ou estão envolvidos em situações de conflito. Em relação ao perfil socioeconômico e

educacional dos pais entrevistados, verificou-se que a maioria tem o ensino fundamental tendo assim pouco conhecimento escolar para ser transmitido para os seus filhos, que a jornada de trabalho durante todo o dia é muito extensa, várias obrigações em relação aos sustentos e responsabilidade diante da família, sobrando pouco tempo para o lazer, como também para o envolvimento escolar dos filhos, dificultando desta forma, o envolvimento conjunto da instituição de ensino, comunidade, família e Estado na execução de ações frente à problemática da violência, mas alguns afirmando que as aulas de educação física têm um suporte fundamental na socialização dos seus filhos, como também nenhuma necessidade de se existir enquanto disciplina.

Por último, foram analisados os alunos onde relataram sobre o que acham da violência na escola, seus pensamentos, opiniões, indagações, onde muitas vezes são ou agredidos ou agressores. Um dos pontos observado na análise das entrevistas com os alunos foi como eles utilizam o tempo que estão fora da escola, sendo este ou com afazeres domésticos, ajudando os pais ou então assistindo TV, mas também, sendo relatado por eles, que gostam de freqüentar as atividades pedagógicas da instituição, mas nos momentos de recreação o tipo de brincadeiras que gostam de brincar são com requintes de crueldade, percebendo que eles não têm o entendimento do que seja violência, aqui podendo ser utilizada a aula de educação física com atividades que envolvam a interação, socialização, trabalho em grupo, discutindo sobre temas que estejam inseridos dentro da realidade deles, como também dentro do contexto histórico, para assim contribuir para formação, não sendo o caso, acontecendo simplesmente como momentos de recreação.

De acordo com o que foi observado e analisado podemos assim dizer que a solução da violência escolar não estará então na responsabilidade de uma geração ou de uma sociedade ou de um Estado. A solução não esta, de fato, na responsabilidade pelo não feito ou pelo mal feito. A responsabilidade já não deve pertencer ao passado, mas ao presente e ao futuro, sendo a mesma de todos e para todos. Não se pode pensar que os males da sociedade são frutos de uma infama parte da mesma sociedade, o que corresponde a dizer que só é possível dissipar esta problemática se houver um empenho de todos que detêm responsabilidades nesta matéria.

Com um olhar crítico e preocupado, os educadores participantes deste estudo, acreditam ser de grande relevância para o momento atual devido aos altos

índices de violência registrados, sendo necessário algo a se fazer para modificar essa realidade e na escola é um bom começo.

Os resultados encontrados por meio deste estudo poderão contribuir na busca de soluções que amenizem a violência no meio educacional, não se restringindo a instituição de ensino aqui citada, mas em todos os estabelecimentos educacionais.

Portanto, este estudo pode ser ampliado a outras a outras instituições de ensino, não só pública, mas também privada, com o intuito de gerar subsídios aos educadores, a fim de contribuir para o desenrolar de situações de violência escolar e subsídios para atuar diretamente nesta problemática, principalmente no âmbito educacional.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidianos das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Airton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

AZEVEDO, Sônia. **A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptção social**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml> Acesso em: 05 Nov. 2009, 05:30h.

BRITO, et al. **Temas atuais em educaçõ fısica e esportes II** – coletânea de trabalhos dos professores do departamento de esporte. UFMG, 1997.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercıcio de convivência. Santos – SP: Projeto Cooperaçõ, 2001.

CASTRO, M. Violência, juventude e educaçõ: notas sobre o estado do conhecimento. Revista Brasileira de Estudos de Populaçõ, n. 1, p. 5-28, jan./jun. 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educaçõ Fısica**. Sãõ Paulo – SP: Cortez Editora, 1992.

DIAS, Kátia Pereira. **Educaçõ Fısica X Violência**. Ed. Sprint, 1996.

WIKIPÉDIA <http://pt.wikipedia.org/wiki/Viol%C3%Aancia> Acesso em: 05 Nov. 2009, 07:01h

DADOUN, R. **A violência**: ensaio acerca do “Homo Violens”. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. ESTATUTO DA CRIANÇ A E DO ADOLESCENTE (Lei nº8.069/1990), 3º Edição. CONANDA, 2004.

FERREIRA, Aurélio. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3º edição. Rio de Janeiro – RJ. Nova Fronteira, 1993.

GOMES, Pierre; CAMINHA, Iraquitan. **Aprender a conviver**: um enigma para a educaçõ. João Pessoa – PB: Editora Universitária/UFPB, 2007.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar**. Campinas: Editora Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB) Brasília: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LIPPELT, Ricardo. **Violência nas aulas de Educação Física**: estudo comparado entre duas escolas da rede pública do Distrito Federal. Disponível em: [http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=155](http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=155) Acesso EM 05 Nov. 2009, 03:00h..

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e ´mente`**. Campinas: Editora Papirus, 1989.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo. Ática, 1989.

PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. **Processo de ensino aprendizagem no basquetebol: perspectivas pedagógicas**. In: ROSE JR, Dante de; TRICOLI, Valmor. Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri – SP: Manole, 2005.

PARÂMENTROS Curriculares Nacionais de Educação Física. Brasília – DF. 1998.

SILVA, Maria. **O papel do professor frente à violência nas escolas: uma mediação necessária**. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/viewFile/531/414> Acesso em: 14 Dez. 2009, 09:30h.

WASELFISZ, Julio; MACIEL, Maria. **Revertendo violências, semeando futuros**: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Brasília; UNESCO, 2003.